



SABERES EM CONEXÃO

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Walmir Fernandes Pereira
Harleson Sidney Almeida Monteiro
Ronison Oliveira da Silva
(Orgs.)



VOL. 2



científica digital



CIENTÍFICA DIGITAL EDITORIAL LTDA

Barueri - São Paulo - Brasil
www.cientificadigital.org - contato@cientificadigital.org

Diagramação e Arte	Edição © 2026 Científica Digital
Diego Santos	Texto © 2026 Os Autores
Diogo Lima	1ª Edição - 2026
Imagens da Capa	Acesso Livre - Open Access
Adobe Stock - 2026	

© COPYRIGHT - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. A editora detém os direitos autorais sobre a edição e o projeto gráfico, enquanto os autores mantêm os direitos autorais de seus respectivos textos. Esta obra está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, permitindo o download e compartilhamento integral ou parcial, desde que a fonte seja devidamente citada e os créditos atribuídos aos autores. É obrigatório que a obra permaneça em formato de Acesso Livre (Open Access), sem qualquer alteração. A catalogação em plataformas de acesso restrito ou com fins comerciais é estritamente proibida.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S115

Saberes em conexão: ciência, tecnologia e sociedade no mundo contemporâneo: volume 2 / Organização de Walmir Fernandes Pereira, Harleson Sidney Almeida Monteiro, Ronison Oliveira Da Silva. – Guarujá-SP: Científica Digital, 2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui Bibliografia

ISBN 978-65-6155-243-1

DOI 10.37885/978-65-6155-243-1

1. Sociedade e tecnologia. I. Pereira, Walmir Fernandes (Organizador). II. Monteiro, Harleson Sidney Almeida (Organizador). III. Silva, Ronison Oliveira da (Organizador). IV. Título.

CDD 303.483

Elaborado por Janaína Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático:

I. Sociedade e tecnologia

E-BOOK

ACESSO LIVRE ON LINE - IMPRESSÃO PROIBIDA

2026

Walmir Fernandes Pereira
Harleson Sidney Almeida Monteiro
Ronison Oliveira Da Silva
(Orgs.)

Saberes em Conexão:
Ciência, Tecnologia e Sociedade no Mundo
Contemporâneo

Volume 2

1ª EDIÇÃO



científica digital

2026 - BARUERI - SP

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. André Cutrim Carvalho
Prof. Dr. Antônio Marcos Mota Miranda
Prof^a. Ma. Auristela Correa Castro
Prof. Dr. Carlos Alberto Martins Cordeiro
Prof. Dr. Carlos Alexandre Oelke
Prof^a. Dra. Caroline Nóbrega de Almeida
Prof^a. Dra. Clara Mockdece Neves
Prof^a. Dra. Claudia Maria Rinhel-Silva
Prof^a. Dra. Clecia Simone Gonçalves Rosa Pacheco
Prof. Dr. Cristiano Marins
Prof^a. Dra. Cristina Berger Fadel
Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr
Prof. Dr. Diogo da Silva Cardoso
Prof. Dr. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes
Prof. Dr. Fabricio Gomes Gonçalves
Prof^a. Dra. Fernanda Rezende
Prof. Dr. Flávio Aparecido de Almeida
Prof^a. Dra. Francine Náthalie Ferraresi Queluz
Prof^a. Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes
Prof. Dr. Humberto Costa

Prof. Dr. Joachin Melo Azevedo Neto
Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura
Prof. Dr. José Aderval Aragão
Prof. Me. Julianno Pizzano Ayoub
Prof. Dr. Leonardo Augusto Couto Finelli
Prof. Dr. Luiz Gonzaga Lapa Junior
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva
Prof^a. Dra. Maria Cristina Zago
Prof^a. Dra. Maria Otília Zangão
Prof. Dr. Mário Henrique Gomes
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes
Prof. Dr. Nelson J. Almeida
Prof. Dr. Pedro Afonso Cortez
Prof. Dr. Reinaldo Pacheco dos Santos
Prof. Dr. Rogério de Melo Grillo
Prof^a. Dra. Rosenery Pimentel Nascimento
Prof. Dr. Rossano Sartori Dal Molin
Prof. Me. Silvio Almeida Junior
Prof^a. Dra. Thays Zigante Furlan Ribeiro
Prof. Dr. Wescley Viana Evangelista
Prof. Dr. Willian Carboni Viana
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Acesse a lista completa dos Membros do Conselho Editorial em www.editoracientifica.com.br/conselho

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra passaram por avaliação do Conselho Editorial e revisão por pares externos (*Peer Review*), recebendo a devida recomendação para publicação.

Nota: Esta obra é fruto de um processo colaborativo, configurando-se como uma coletânea na qual os direitos autorais permanecem resguardados para os respectivos autores. Alguns capítulos podem ter origem em trabalhos anteriormente apresentados em eventos acadêmicos; no entanto, os autores foram orientados a adotar o devido rigor na prevenção do autoplágio. A responsabilidade pelo conteúdo de cada capítulo, assim como pela originalidade e integridade das informações publicadas, é inteiramente dos respectivos autores e autoras. O conteúdo da obra não reflete, necessariamente, a opinião da editora, dos organizadores ou dos membros do conselho editorial.

APRESENTAÇÃO

Esta obra é fruto de um esforço colaborativo que reuniu professores, estudantes e pesquisadores cujo envolvimento enriqueceu significativamente as discussões neste espaço formativo. Além disso, resulta de iniciativas interinstitucionais e ações voltadas ao incentivo à pesquisa, congregando especialistas de diversas áreas do conhecimento, vinculados a Instituições de Educação Superior, públicas e privadas, em âmbito nacional e internacional.

Seu principal objetivo é fortalecer a integração entre instituições, tanto no Brasil quanto no exterior, por meio de redes de pesquisa comprometidas com a formação continuada de profissionais da educação. Para isso, busca-se a produção e a ampla disseminação do conhecimento em distintas áreas do saber.

Expressamos nossa profunda gratidão aos autores pelo empenho, comprometimento e dedicação na concepção e finalização desta obra. Esperamos que ela se consolide como um recurso didático-pedagógico valioso, atendendo às necessidades de estudantes, docentes de todos os níveis de ensino e demais interessados na temática.

Walmir Fernandes Pereira
Harleson Sidney Almeida Monteiro
Ronison Oliveira Da Silva

SUMÁRIO

Capítulo 01

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E RECOMPOSIÇÃO DA APRENDIZAGEM: EVIDÊNCIAS LONGITUDINAIS DOS CICLOS AVALIATIVOS DE 2024 A 2026 NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE

Ronnielle Cabral Rolim

doi 10.37885/260521924 8

Capítulo 02

O SIRIRI: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Sônia Gonçalves Pereira; Carlos Rinaldi

doi 10.37885/260622190 19

Capítulo 03

A TRANSVERSALIDADE GLOBALIZADA DA SOCIEDADE DE CONSUMO PÓS PANDEMIA E A INVESTIGAÇÃO DO COMPORTAMENTO E DAS TENDÊNCIAS DO MARKETING NA MODA

Bruna Justino Ferreira; M.E Alexandre de Caprio Ferreira

doi 10.37885/260622249 37

Capítulo 04

O FUTURO DA TERRA HUMANA E NÃO HUMANA NO SÉCULO XXI: O PODER FECAL DA MÁSCARA ELETRÔNICA

Edson Gonçalves da Silva Filho

doi 10.37885/260722472 43

Capítulo 05

SABERES E EXPERIÊNCIAS DA FORMAÇÃO EM LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO IMNFANTIL (LEEI) COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PARÁ

Maria Cristiane Lobo Pompeu

doi 10.37885/260722482 66

Capítulo 06**PROJETO JOVEM PADAWAN: INTEGRANDO NOVOS ACADÊMICOS E FORTALECENDO A TUTORIA NO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL**

Jhan Lucca Ferreira Martins; Anna Marcelly Santos Cardoso; Leonardo Ramos Rodrigues; Layza Eduarda Cutrim Gois; Marcela Gomes da Silva

 10.37885/260722483 85

SOBRE OS ORGANIZADORES 98

ÍNDICE REMISSIVO 100

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E RECOMPOSIÇÃO DA APRENDIZAGEM: EVIDÊNCIAS LONGITUDINAIS DOS CICLOS AVALIATIVOS DE 2024 A 2026 NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE

Ronnielle Cabral Rolim

Christian Business School (CNSEAD)

RESUMO

O presente capítulo analisa os processos de avaliação diagnóstica e recomposição da aprendizagem desenvolvidos no município de Caucaia-CE, a partir das evidências produzidas pelos ciclos da Avaliação Contínua da Aprendizagem entre os anos de 2024 e 2026. Fundamentado nas diretrizes do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA), nas matrizes de referência do Ministério da Educação (MEC) e do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd/UFJF), o estudo apresenta uma abordagem documental, longitudinal e quali-quantitativa, articulando dados avaliativos, planejamento pedagógico, formação continuada e monitoramento institucional. A investigação evidencia que a recomposição da aprendizagem exige ações contínuas de diagnóstico, intervenção pedagógica e acompanhamento sistemático, especialmente em habilidades relacionadas à leitura, inferência textual, fluência leitora, resolução de problemas e raciocínio matemático. Os resultados apontam avanços significativos nos ciclos avaliativos, embora persistam desafios relacionados à consolidação de habilidades essenciais em diferentes etapas do Ensino Fundamental. Conclui-se que a utilização pedagógica dos dados avaliativos, associada à formação docente e ao monitoramento institucional, constitui elemento central para o fortalecimento das políticas públicas educacionais e para a garantia do direito à aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação diagnóstica; recomposição da aprendizagem; alfabetização; avaliação contínua; políticas públicas educacionais.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira vivencia, nos últimos anos, um intenso movimento de reorganização curricular, monitoramento pedagógico e fortalecimento das políticas públicas voltadas à garantia do direito à aprendizagem. Nesse cenário, a avaliação diagnóstica passou a ocupar lugar estratégico na formulação de ações pedagógicas capazes de identificar lacunas de aprendizagem e orientar intervenções voltadas à recomposição das habilidades essenciais dos estudantes.

O contexto pós-pandêmico intensificou ainda mais a necessidade de acompanhamento sistemático das aprendizagens, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, período considerado decisivo para a consolidação da alfabetização e do letramento matemático. As redes públicas de ensino passaram a enfrentar o desafio de não apenas avaliar os impactos das defasagens educacionais, mas também estruturar políticas de intervenção pedagógica capazes de reduzir desigualdades históricas e garantir condições mais equitativas de aprendizagem.

Nesse contexto, o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA) emerge como uma importante política pública de alcance nacional, articulando esforços entre União, estados e municípios na perspectiva de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas ao final do 2º ano do Ensino Fundamental. Além disso, o programa amplia seu escopo para a recomposição das aprendizagens de estudantes do 3º ao 5º ano que ainda não consolidaram habilidades relacionadas à leitura, escrita e matemática.

No município de Caucaia, as ações de avaliação diagnóstica e recomposição da aprendizagem passaram a ser organizadas de forma articulada entre planejamento pedagógico, formação continuada, acompanhamento escolar e monitoramento longitudinal dos resultados educacionais. Essa organização possibilitou a construção de uma base documental robusta, composta por matrizes de referência, ciclos avaliativos, indicadores de alfabetização, relatórios pedagógicos e planos estratégicos institucionais.

Diante desse cenário, este capítulo objetiva analisar as evidências produzidas pelos ciclos avaliativos de 2024 a 2026 no município de Caucaia-CE, discutindo as contribuições da avaliação diagnóstica para os processos de recomposição

da aprendizagem. Busca-se compreender como os dados avaliativos podem subsidiar práticas pedagógicas, fortalecer políticas educacionais e promover intervenções mais eficazes voltadas ao desenvolvimento das habilidades essenciais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A relevância desta investigação reside no fato de articular evidências empíricas, políticas públicas e práticas pedagógicas em uma perspectiva longitudinal, contribuindo para o debate acadêmico acerca da avaliação educacional, da alfabetização e da recomposição da aprendizagem nas redes públicas de ensino.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E RECOMPOSIÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação diagnóstica constitui instrumento essencial para o acompanhamento das aprendizagens e para a tomada de decisões pedagógicas fundamentadas em evidências. Diferentemente de práticas avaliativas centradas apenas na mensuração do desempenho escolar, a avaliação diagnóstica busca identificar potencialidades, fragilidades e necessidades de intervenção ao longo do processo formativo.

Nessa perspectiva, a avaliação assume caráter pedagógico, formativo e interventivo, contribuindo para o planejamento das ações docentes e para o monitoramento contínuo das aprendizagens. Luckesi (2011) ressalta que a avaliação deve estar comprometida com a promoção da aprendizagem e não apenas com a classificação dos estudantes. Da mesma forma, Hoffmann (2014) enfatiza que a avaliação mediadora favorece processos reflexivos capazes de orientar práticas pedagógicas mais significativas.

No contexto das políticas públicas educacionais contemporâneas, a avaliação diagnóstica passou a ser amplamente associada às estratégias de recomposição da aprendizagem. Tal conceito ganhou maior visibilidade após os impactos educacionais provocados pela pandemia da Covid-19, período em que diversas redes de ensino registraram ampliação das desigualdades educacionais e redução significativa dos níveis de aprendizagem.

A recomposição da aprendizagem, nesse contexto, não se restringe à recuperação de conteúdos escolares. Trata-se de um processo contínuo de

reorganização curricular, priorização de habilidades essenciais e desenvolvimento de estratégias pedagógicas capazes de garantir condições efetivas de aprendizagem aos estudantes.

O Compromisso Nacional Criança Alfabetizada fortalece essa perspectiva ao propor ações articuladas entre avaliação, formação docente e monitoramento pedagógico. As matrizes de referência elaboradas pelo MEC e pelo CAEd/UFJF evidenciam a necessidade de acompanhamento progressivo das habilidades, organizadas em ciclos avaliativos que contemplam tanto habilidades essenciais da etapa anterior quanto competências previstas para o ano vigente.

Dessa forma, os ciclos da Avaliação Contínua da Aprendizagem assumem função estratégica na identificação das necessidades pedagógicas da rede, permitindo o desenvolvimento de ações de intervenção fundamentadas em evidências concretas.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa documental, longitudinal, de abordagem quali-quantitativa, fundamentada na análise de documentos institucionais, matrizes de referência, indicadores educacionais e resultados dos ciclos avaliativos desenvolvidos no município de Caucaia-CE entre os anos de 2024 e 2026.

Para a realização deste estudo, foram analisados diversos documentos normativos, pedagógicos e de monitoramento educacional. Entre eles, destacam-se os materiais referentes ao Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA), as Matrizes de Referência da Avaliação Contínua da Aprendizagem elaboradas pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF), bem como os resultados obtidos nos Ciclos I, II e III das avaliações diagnósticas. Também foram examinados o Plano Pedagógico Estratégico de Educação de Caucaia – 2025, as metas municipais de alfabetização e os relatórios de acompanhamento pedagógico e monitoramento institucional, que subsidiaram a compreensão das ações implementadas e dos resultados alcançados no contexto da rede municipal de ensino.

A investigação contemplou dados dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, abrangendo componentes curriculares de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências da Natureza.

Os dados coletados foram sistematizados e analisados a partir de categorias analíticas que permitiram compreender diferentes dimensões do processo de ensino e aprendizagem. Essas categorias contemplaram aspectos relacionados à alfabetização e ao desenvolvimento da fluência leitora, à recomposição das habilidades matemáticas, à progressão dos estudantes ao longo dos ciclos avaliativos e à identificação das habilidades críticas que permaneceram com baixos níveis de desempenho. Além disso, foi examinada a relação entre os resultados das avaliações diagnósticas e as intervenções pedagógicas implementadas pela rede municipal, buscando compreender de que maneira os processos avaliativos contribuíram para o planejamento e o aprimoramento das práticas educacionais.

A análise documental permitiu identificar tendências de evolução, permanência e recomposição das habilidades avaliadas ao longo dos ciclos, bem como compreender os impactos das políticas pedagógicas implementadas pela rede municipal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Avaliação contínua e monitoramento longitudinal das aprendizagens

Os dados analisados evidenciam que o município de Caucaia estruturou um sistema de acompanhamento longitudinal das aprendizagens fundamentado nos ciclos da Avaliação Contínua da Aprendizagem. Essa organização permitiu o monitoramento progressivo das habilidades essenciais previstas na BNCC, fortalecendo os processos de intervenção pedagógica.

Os Ciclos I, II e III apresentaram funções complementares dentro da política avaliativa municipal. O Ciclo I assumiu caráter predominantemente diagnóstico, identificando lacunas estruturantes relacionadas à alfabetização, leitura e raciocínio matemático. O Ciclo II possibilitou o acompanhamento das ações de recomposição implementadas pelas escolas, enquanto o Ciclo III evidenciou níveis de consolidação das aprendizagens.

Essa lógica de acompanhamento contínuo representa importante avanço para a gestão pedagógica, uma vez que favorece decisões fundamentadas em evidências e reduz práticas centradas apenas em avaliações somativas.

Alfabetização e consolidação das habilidades leitoras

Os documentos analisados demonstram que a alfabetização permaneceu como prioridade central das políticas educacionais municipais. As metas do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada estabeleceram parâmetros de acompanhamento progressivo do desempenho dos estudantes, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Os resultados municipais indicaram evolução nos níveis de alfabetização, aproximando o município das metas nacionais estabelecidas para os próximos anos. A análise dos dados evidencia que as ações de formação continuada, monitoramento pedagógico e utilização de avaliações diagnósticas contribuíram significativamente para o fortalecimento das práticas alfabetizadoras.

Entre as habilidades que se mostraram recorrentes ao longo dos diferentes ciclos avaliativos, destacaram-se aquelas relacionadas ao processo de alfabetização e ao desenvolvimento da competência leitora. Observou-se a presença constante de habilidades voltadas ao reconhecimento de letras e sílabas, à leitura de palavras canônicas e não canônicas, bem como à identificação de informações explícitas em textos. Também foram avaliadas competências mais complexas, como a realização de inferências textuais, o reconhecimento de diferentes gêneros textuais e a compreensão global dos textos lidos. Em conjunto, essas habilidades constituem importantes indicadores do desenvolvimento da proficiência leitora dos estudantes e permitem acompanhar a evolução das aprendizagens ao longo da trajetória escolar.

Apesar dos avanços observados, os resultados também evidenciaram persistência de dificuldades relacionadas às habilidades inferenciais e à compreensão leitora mais complexa, sobretudo nos anos de transição entre alfabetização inicial e consolidação leitora.

Essa constatação reforça a necessidade de continuidade das ações de recomposição da aprendizagem, especialmente por meio de práticas pedagógicas

voltadas ao desenvolvimento da leitura crítica e da ampliação do repertório linguístico dos estudantes.

Recomposição das aprendizagens matemáticas

No componente curricular de Matemática, os resultados evidenciaram desafios significativos em diferentes campos do conhecimento matemático. Entre os aspectos que apresentaram maiores dificuldades destacaram-se as habilidades relacionadas à compreensão do sistema de numeração decimal, à realização das operações fundamentais e à resolução de problemas envolvendo situações do cotidiano. Também foram identificadas fragilidades nas competências associadas ao trabalho com grandezas e medidas, bem como na interpretação e análise de informações apresentadas em gráficos e tabelas. Esses resultados indicam a necessidade de ações pedagógicas voltadas ao fortalecimento das aprendizagens essenciais, favorecendo a consolidação dos conhecimentos matemáticos e o desenvolvimento do raciocínio lógico dos estudantes.

Os resultados dos ciclos avaliativos indicaram que as habilidades matemáticas apresentaram níveis mais elevados de fragilidade quando comparadas às habilidades de leitura literal.

Entretanto, a análise longitudinal demonstrou avanços progressivos ao longo dos ciclos, especialmente nas habilidades relacionadas à resolução de situações-problema e ao raciocínio lógico-matemático.

As formações continuadas ofertadas aos professores da rede municipal contribuíram para a reorganização das práticas pedagógicas, favorecendo estratégias mais contextualizadas e alinhadas às habilidades essenciais previstas nas matrizes de referência.

Além disso, a utilização pedagógica dos dados avaliativos permitiu maior direcionamento das intervenções escolares, fortalecendo o acompanhamento individualizado das aprendizagens.

Relação entre avaliação diagnóstica e intervenção pedagógica

Um dos aspectos mais relevantes identificados nesta investigação se refere à articulação entre avaliação diagnóstica, planejamento pedagógico e formação continuada.

O Plano Pedagógico Estratégico de Educação de Caucaia-2025 evidencia a preocupação institucional com o monitoramento das aprendizagens e com o fortalecimento das práticas pedagógicas baseadas em evidências.

As ações desenvolvidas pela rede municipal abrangeram um conjunto articulado de estratégias voltadas ao fortalecimento da aprendizagem e ao aprimoramento da gestão pedagógica. Entre as principais iniciativas destacaram-se a formação continuada dos professores, com foco no aperfeiçoamento das práticas de ensino, e o acompanhamento pedagógico in loco, que possibilitou suporte direto às unidades escolares. Também foram realizadas ações sistemáticas de monitoramento das avaliações educacionais, subsidiando a elaboração de orientações pedagógicas alinhadas às necessidades identificadas. Além disso, a rede investiu na utilização de rotinas estruturadas para a organização do trabalho pedagógico e no acompanhamento longitudinal dos indicadores educacionais, permitindo o monitoramento contínuo dos resultados e a tomada de decisões fundamentadas em evidências.

Essa articulação demonstra que a avaliação deixou de assumir função meramente classificatória e passou a integrar os processos de planejamento e intervenção pedagógica.

A utilização sistemática dos resultados avaliativos favoreceu a identificação de habilidades prioritárias e contribuiu para a construção de estratégias mais assertivas voltadas à recomposição da aprendizagem.

Recomposição da aprendizagem como política pública educacional

Os documentos analisados evidenciam que a recomposição da aprendizagem passou a ocupar lugar central nas políticas educacionais do município de Caucaia.

A articulação entre CNCA, matrizes de referência, formação continuada e monitoramento institucional demonstra a consolidação de uma política pública voltada à garantia do direito à aprendizagem.

Nesse contexto, a recomposição da aprendizagem deve ser compreendida não apenas como resposta emergencial às defasagens educacionais, mas como estratégia permanente de acompanhamento pedagógico e promoção da equidade educacional.

A experiência do município evidencia que políticas fundamentadas em evidências avaliativas, associadas ao fortalecimento da formação docente e do monitoramento institucional, apresentam maior potencial para reduzir desigualdades educacionais e promover avanços significativos nas aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos ciclos avaliativos desenvolvidos no município de Caucaia-CE entre os anos de 2024 e 2026 evidencia a relevância da avaliação diagnóstica para os processos de recomposição da aprendizagem e para o fortalecimento das políticas públicas educacionais.

Os resultados demonstram que o monitoramento longitudinal das aprendizagens, associado à formação continuada e ao planejamento pedagógico baseado em evidências, contribui significativamente para a identificação das necessidades educacionais da rede e para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes.

As evidências analisadas revelaram avanços importantes nos níveis de alfabetização e na consolidação de habilidades essenciais, embora persistam desafios relacionados à leitura inferencial, à fluência leitora e às competências matemáticas mais complexas.

A experiência de Caucaia demonstra que a recomposição da aprendizagem exige ações permanentes de acompanhamento, planejamento e intervenção pedagógica, articuladas a políticas institucionais de formação docente e monitoramento educacional.

Além disso, o estudo evidencia que a utilização pedagógica dos dados avaliativos fortalece os processos de tomada de decisão e amplia as possibilidades de construção de práticas pedagógicas mais equitativas e contextualizadas.

Por fim, destaca-se que a articulação entre avaliação diagnóstica, políticas públicas e formação continuada constitui elemento fundamental para a garantia do direito à aprendizagem e para a consolidação de sistemas educacionais comprometidos com a qualidade social da educação.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Compromisso Nacional Criança Alfabetizada**. Brasília, DF: MEC, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Matrizes de Referência da Avaliação Contínua da Aprendizagem**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2026.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Porto Alegre: Penso, 2018.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

O SIRIRI: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Sônia Gonçalves Pereira

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Carlos Rinaldi

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

RESUMO

O Siriri constitui uma das manifestações culturais mais representativas de Cuiabá, Mato Grosso, distinguindo-se por sua originalidade e pela profunda conexão com as raízes locais. Com influências indígenas, africanas e europeias, essa dança é tradicionalmente acompanhada por instrumentos típicos, como a viola de cocho, o ganzá e o tamborim. O presente estudo tem como objetivo analisar e apresentar a cultura da dança do Siriri em Cuiabá, enfatizando seus aspectos históricos, sociais e culturais. Enquanto símbolo da identidade cultural mato-grossense, essa manifestação desempenha um papel essencial na preservação das tradições regionais. A metodologia adotada possui caráter qualitativo e visa compreender a relação entre práticas orais, corporais e musicais, além de explorar expressões visuais e movimentos característicos da dança. Para fundamentação teórica, foram realizadas pesquisas bibliográficas, entrevistas e observações de campo. Os resultados indicam que as letras das canções refletem o cotidiano e a natureza local, evidenciando a vivência regional. As apresentações são marcadas pela energia vibrante, pelos figurinos coloridos e pelo ritmo contagiante. Mantido vivo por grupos culturais locais, o Siriri é apresentado em festivais de diferentes escalas, desde eventos regionais até circuitos internacionais. Assim, mais do que uma dança, representa uma expressão autêntica da identidade cuiabana e mato-grossense.

Palavras-chave: Cultura; dança do siriri; educação; identidade; pertencimento.

INTRODUÇÃO

O Siriri é uma das manifestações culturais mais representativas de Cuiabá e do estado de Mato Grosso. Trata-se de uma dança folclórica que reflete as raízes e a diversidade cultural da região, resultado da fusão de influências indígenas, africanas e europeias. Expressão de alegria e tradição, o Siriri é executado por grupos folclóricos que preservam essa herança, especialmente em celebrações e festas populares (Osorio, 2012).

De acordo com Giordanna Santos (2010), o primeiro registro documentado dessa dança em Mato Grosso foi realizado pelo etnólogo Max Schmidt, em *Estudos de Etnologia Brasileira*, publicado em 1900. Durante suas pesquisas na região, Schmidt observou essa manifestação cultural no município de Rosário Oeste, localizado a aproximadamente 130 quilômetros ao norte de Cuiabá.

O que torna o Siriri particularmente significativo em Cuiabá? Provavelmente, essa relevância advém do uso de instrumentos típicos, como a viola de cocho, o ganzá, o mocho e o tamborim, bem como dos figurinos vibrantes que enriquecem as apresentações e transmitem autenticidade e energia. As letras das músicas abordam temas do cotidiano, da natureza e da vida rural, estabelecendo uma conexão singular entre o público e a realidade local. Além disso, o Siriri ultrapassa a definição de uma simples dança, configurando-se como uma expressão de identidade. Muitos cuiabanos veem nessa prática uma forma de preservar e valorizar suas raízes culturais. A dança é apresentada em eventos como o Festival de Siriri e Cururu, em Cuiabá, garantindo sua transmissão para as novas gerações (Osorio, 2012).

O Siriri, portanto, constitui um dos mais importantes símbolos culturais de Cuiabá e do estado de Mato Grosso. Seu reconhecimento contribui para a valorização e a preservação dessa tradição, promovendo uma compreensão mais ampla das raízes e influências históricas que moldaram a identidade cuiabana e mato-grossense. Ao considerá-lo como uma manifestação das tradições locais, fomenta-se sua continuidade para as futuras gerações, fortalecendo, assim, o patrimônio cultural da população regional.

A dança do Siriri caracteriza-se por passos simples e coreografias organizadas em roda, colunas ou fileiras, sempre acompanhadas por um espírito de

alegria contagiante. Os trajes típicos dos dançarinos são marcados por cores vibrantes: as mulheres costumam vestir saias rodadas, enquanto os homens utilizam calças compridas e camisas de manga longa. Os músicos responsáveis pelo acompanhamento utilizam instrumentos tradicionais, como o ganzá, a viola de cocho, o mocho, o tamborim e a caixa de folia, cujos ritmos conferem dinamismo e identidade à dança.

Mais do que uma manifestação artística, o Siriri funciona como um meio de transmissão de conhecimentos, histórias e valores entre as gerações. Também representa um instrumento de apropriação cultural por parte das novas gerações. Conforme Osorio (2012), as apresentações costumam ocorrer em festas religiosas, festivais folclóricos e eventos comunitários, incluindo celebrações em homenagem a santos, bailes, carnaval e, mais recentemente, em apresentações turísticas, eventos políticos, congressos científicos e festivais de cultura popular. Dessa forma, além de fortalecer o senso de identidade e coesão social das comunidades e povos originários, a prática do Siriri contribui para a valorização e preservação das tradições locais e incentiva a participação da juventude na cultura regional.

Segundo Silva (2024), é possível observar como a dança do Siriri é executada, evidenciando seus aspectos coreográficos e musicais.

A dança do siriri geralmente é realizada em festas populares, como festas juninas, carnaval, festas religiosas e comemorações locais. É uma dança animada, onde os participantes mulheres e homens se organizam em pares e dançam em círculos ou colunas em fileiras ao som de músicas tocadas por instrumentos tradicionais, como a viola de cocho, ganzá e mocho. (Silva, 2024, p. 02).

Grando (2007) esclarece e complementa o como essa dança é organizada,

[...] a dança não é uma imitação, mas uma criação pessoal que, por meio do corpo, possibilita a pessoa construir o movimento e expressar sua criatividade e individualidade, assim [...] cada sociedade sabe servir de seus corpos de maneira diferente, há práticas corporais e hábitos que lhe são próprios e que possibilitam sua identificação. Neste sentido, torna-se necessário conhecer, identificar e revelar as expressões corporais por meio das danças tradicionais e como essas são transmitidas de geração para geração no espaço e no tempo [...]. (Mauss apud Grando, 2007, p. 63).

O Siriri, manifestação folclórica tradicional de Mato Grosso, especialmente em Cuiabá, é acompanhado por um conjunto de instrumentos característicos que conferem ritmo e identidade à dança. Esses instrumentos, em sua maioria de percussão e cordas, refletem a fusão das influências culturais indígenas, africanas e europeias.

Principais instrumentos utilizados no Siriri

- **Viola de cocho:** considerado um dos instrumentos mais emblemáticos do Siriri, trata-se de uma viola artesanal confeccionada a partir de um tronco de madeira escavado. Em Mato Grosso, utiliza-se preferencialmente a madeira do tipo **sarã de leite**, ainda verde. O processo de confecção envolve o uso de um molde que auxilia o artesão a esculpir o tronco, delimitando a forma externa e interna do instrumento. A viola de cocho é finalizada quando suas paredes tornam-se suficientemente finas e adquirem a forma tradicional. Esse instrumento é essencial para a melodia da dança, conferindo-lhe um som singular;
- **Ganzá:** instrumento de percussão que contribui para o ritmo e a textura sonora do Siriri. Consiste em um tubo de bambu, com ranhuras transversais, que pode medir entre 40 e 70 centímetros. O som é produzido pela fricção de uma baqueta, pedaço de madeira, garfo ou osso de costela bovina sobre as ranhuras. Para evitar que o som fique abafado, o bambu recebe pequenas rachaduras longitudinais. Além do Siriri, o ganzá é amplamente utilizado em outras expressões musicais regionais, como o Cururu e o Rasqueado Cuiabano;
- **Mochô:** instrumento tradicional percussivo utilizado na música do Siriri. Consiste em um banco de madeira sobre o qual se fixa um couro bovino cru. A sonoridade é produzida por meio da percussão com duas baquetas de madeira no assento de couro. Pode ser tocado simultaneamente por duas pessoas.

INSTRUMENTOS COMPLEMENTARES

- **Tamborete, tamboril ou matracas:** também conhecidos como “pau-zinhos”, esses instrumentos são percutidos contra um caixote ou uma bruaca de couro bovino seco, adaptada a um banco de madeira. Contribuem para o ritmo cadenciado da dança;

- **Tamborim:** pequeno tambor de mão tocado com uma baqueta, auxiliando na marcação rítmica da música;
- **Caixa de folia:** tambor de tamanho médio, similar ao farol, que produz um som agudo e ritmado, reforçando a cadência da música;
- **Adufe:** pandeiro de formato quadrangular, tradicionalmente utilizado em manifestações musicais religiosas, podendo integrar algumas variações do Siriri;
- **Pandeiro:** instrumento de percussão composto por uma pele esticada sobre um aro de madeira ou metal, no qual são inseridas pequenas platinelas metálicas. Seu som vibrante enriquece a musicalidade do Siriri.

A combinação desses instrumentos confere ao Siriri sua sonoridade vibrante e envolvente, reforçando sua importância enquanto expressão cultural. Além de marcar o ritmo da dança, esses elementos musicais preservam e evidenciam a herança cultural de Mato Grosso, conectando diferentes tradições e influências históricas.

História e origens

O Siriri tem origens ancestrais e é resultado da fusão entre tradições indígenas, africanas e europeias. Sua história remonta ao período colonial, como uma dança de caráter religioso, provavelmente de origem ameríndia e introduzida nas festas cristãs pelos missionários jesuítas (Osorio, 2012), durante o encontro das culturas que originaram manifestações artísticas e religiosas peculiares. Inicialmente, essa dança era executada em rituais religiosos e festividades comunitárias, com o objetivo de celebrar a colheita, agradecer aos santos padroeiros e fortalecer os laços entre os membros da comunidade.

Com o passar do tempo, essa manifestação consolidou-se como uma dança popular, presente em diferentes contextos, desde festas juninas até grandes festivais culturais. Apesar da urbanização e das transformações sociais, o Siriri preserva sua essência e continua a ser um importante símbolo da identidade mato-grossense.

Características e elementos do Siriri

A dança do Siriri é caracterizada por passos simples, coreografias em roda e muita alegria. Os trajes típicos incluem roupas coloridas, saias rodadas para as mulheres e calças compridas com camisas para os homens. Os instrumentos tradicionais, como a caixa de folia, também conhecido como tamborim¹, a viola de cocho² e o reco-reco³, são responsáveis pelos ritmos contagiantes da dança.

Além da dança e da música, o Siriri desempenha um papel fundamental na transmissão de conhecimentos, histórias e valores entre as gerações. Suas apresentações ocorrem em festas religiosas, festivais folclóricos e eventos comunitários, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e da coesão social. Ademais, essa prática promove a valorização e preservação das tradições locais, incentivando a participação da juventude na cultura regional.

O Siriri é caracterizado por passos simples, coreografias em roda e uma atmosfera festiva. Os trajes típicos incluem vestimentas coloridas, com saias rodadas para as mulheres e calças compridas acompanhadas de camisas para os homens. A musicalidade vibrante da dança é garantida pelo uso de instrumentos tradicionais, como a caixa de folia (tamborim), a viola de cocho e o reco-reco.

Grupos de Siriri em Cuiabá

No âmbito da cultura local e regional mato-grossense, Cuiabá se destaca, abrigando diversos grupos de Siriri dedicados à preservação e divulgação dessa manifestação cultural. No Quadro 1 estão elencados alguns dos grupos folclóricos que se dedicam ao Siriri.

¹ Também chamado de mocho ou tamboril. Instrumento de percussão, uma espécie de banco de madeira com assento de couro. É repercutido com duas baquetas de madeira. (Rocha & Carvalho, 2007, *apud* Osorio, 2012).

² Viola feita em um tronco de madeira inteiro. As cordas eram confeccionadas a partir das tripas de mamíferos; atualmente usam-se as cordas sintéticas. Este instrumento foi reconhecido em 2004 como patrimônio nacional, registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Livro de Saberes do patrimônio imaterial brasileiro. (Osorio, 2012).

³ Reco-reco ou caracaxá. Instrumento de percussão feito geralmente com a taquara, medindo entre 40 a 70 cm. Pode ser tocado com um pedaço de osso, vareta ou garfo (Rocha & Carvalho, 2007, *apud* Osorio, 2012).

Quadro 1 - Dos Grupos Folclóricos.

Nome	Histórico
Grupo Folclórico Viola de Cocho	Fundado na década de 1980, no bairro São João dos Lázarus em Cuiabá. Veste as cores vermelho e branco sob as bênçãos do Santo Padroeiro, o Senhor Divino Espírito Santo. A figura lendária é o Boi a Serra.
Grupo Folclórico Flor do Campo	Fundado em 1982 e oficializado em 1986, no bairro Parque Ohara, na região da grande Coxipó, em Cuiabá, é um dos grupos de Siriri mais tradicionais de Cuiabá. Seus Santos Padroeiros são: São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida. A figura lendária é o Boi a Serra. O grupo foi criado por dona Matilde da Silva, que aprendeu a dançar Siriri desde criança.
Grupo Folclórico Flor Ribeirinha	Fundado em 27 de julho de 1995, na comunidade de São Gonçalo Beira Rio, na região da grande Coxipó, veste cores vermelho e branco. Este grupo é um dos mais renomados de Cuiabá e tem se destacado em festivais nacionais e internacionais. O Santo Padroeiro é São Gonçalo e o Boi a Serra é a figura lendária. Atua na preservação e difusão da cultura mato-grossense, com foco no Siriri e Cururu, liderado pela mestra Domingas Leonor da Silva.
Grupo Folclórico Flor de Atalaia	Fundado em 14 de novembro de 1913, no bairro Parque Atalaia em Cuiabá, na região da grande Coxipó. O Santo Padroeiro é São João Batista. As cores do grupo são verde limão, laranja e rosa. É conhecido por difundir a dança do Siriri em Cuiabá, também em outras localidades de Mato Grosso, no Brasil e no mundo.
Grupo Folclórico Raízes Cuiabanas	Fundado em 14 de julho de 2003, no bairro Parque Ohara, na região da grande Coxipó, em Cuiabá. Seus Santos Padroeiros são Nossa Senhora da Guia e São Benedito. As cores do grupo são roxo, branco, lilás e prata, e sua figura lendária é o Boi a Serra.
Grupo Folclórico VOA Tuiuiú	Fundado em 19 de abril de 2008, no bairro Itapajé em Cuiabá, na região da grande Coxipó. Seus Santos Padroeiros são Santo Expedito e Nossa Senhora Imaculada da Conceição. As cores do grupo são azul, vermelho, branco e preto. A figura lendária é o Boi a Serra, o Índio Itapajé e o Tuiuiú.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Festivais e preservação cultural

Os grupos folclóricos de Siriri de Cuiabá apresentam-se nos festivais de Siriri e Cururu, realizados em diversas localidades de Mato Grosso, no Brasil e até em outros países. Esses eventos podem ter duração de até quatro dias e ocorrem em espaços apropriados para a celebração da cultura regional. Durante as festividades, os participantes demonstram a riqueza cultural por meio da música, da dança e dos trajes típicos, criando um ambiente de celebração e fortalecimento das tradições cuiabanas.

Além das apresentações, os festivais incluem atividades como oficinas culturais, palestras sobre a história do Siriri e do Cururu, feiras gastronômicas com pratos típicos da região e espaços interativos que permitem ao público vivenciar essa expressão cultural. Essas iniciativas promovem o entendimento

sobre a relevância da preservação da cultura popular e incentivam a participação ativa da comunidade.

Os festivais de Siriri e Cururu desempenham um papel fundamental na transmissão do conhecimento entre gerações, estimulando o envolvimento dos jovens na preservação dessa identidade cultural e fortalecendo o sentimento de pertencimento à tradição cuiabana. Além disso, a inclusão do Siriri em projetos educativos e programas de valorização da cultura regional contribui para o reconhecimento dessa manifestação como patrimônio cultural imaterial. A participação ativa da comunidade, aliada ao incentivo de políticas públicas, é essencial para garantir a continuidade dessa tradição.

As músicas que acompanham o Siriri capturam sua essência, exaltando a alegria, a dança e a tradição cultural de Cuiabá e do estado de Mato Grosso. As letras, frequentemente improvisadas pelos cantadores em forma de desafio, abordam elementos do cotidiano, da natureza e da vida comunitária, promovendo um forte senso de identidade e pertencimento entre os participantes.

Cururu e Siriri, segundo Kalil (2008), trata-se de,

[...] manifestações folclóricas típicas da região pantaneira que poderiam ter sido extintas se não fosse a dedicação de gerações em passar para frente os versos, passos e sequências que fazem parte da cultura popular de Mato Grosso. Tradições seculares de origem indígena, mais populares nas zonas rurais e ribeirinhas, o cururu e o siriri não foram registrados em livros, nem em museus. Eles foram passados de geração para geração, de pai para filho, e devem sua sobrevivência à tradição oral.

O Siriri fazendo parte das tradições seculares de origem indígena, suas letras mais antigas, foram passadas oralmente de geração a geração, não tendo registros nos livros nem nos museus (Kalil, 2008), assim torna-se difícil a identificação dos autores das letras executadas nas apresentações. Para ilustrar essa tradição, a seguir serão apresentadas algumas composições interpretadas por grupos folclóricos de Cuiabá-MT, destacando letras de músicas tradicionais de trovas do Siriri.

Siriri Cuiabano

Lá vem o Siriri, lá vem o Siriri
Vem com a viola de cocho, vem com o ganzá
Lá vem o Siriri, lá vem o Siriri
Vem com a viola de cocho, vem com o ganzá
No balanço da saia, no giro do corpo
Dançando no terreiro até o dia clarear
No balanço da saia, no giro do corpo
Dançando no terreiro até o dia clarear
Viva o povo cuiabano, viva a tradição
Dançando o Siriri com amor e com paixão
Viva o povo cuiabano, viva a tradição
Dançando o Siriri com amor e com paixão
(Autor desconhecido).

Boi tá bravo no curral

Meu boi tá bravo no curral
Porteira do meio não vou lá
Não é boi, é marruá
Porteira do meio não vou lá. (Bis)

Engenho novo estremeceu
Engenho novo estremeceu
Garapa é meu
Bagaço é seu
Engenho novo de jatobá
Morena bonita não deixa quebrar.
(Autor desconhecido).

Nandaia, nandaia

Nandaia, nandaia, vamos nandaiá
Nandaia, nandaia, vamos nandaiá
Seu padre, seu vigário, venha me ensinar a dançar.
Aí põe essa perna, se não servir essa, põe essa outra pra se-
nhora moça.
Arrodeia, rodeia, rodeia, fica de Joelho.
Põe a mão na cintura pra fazer medida.
Palma, palma, palma
Pé, pé, pé.
(Autor desconhecido).

AS VESTIMENTAS

As vestimentas utilizadas nas apresentações do Siriri cuiabano são coloridas, confortáveis e vibrantes, refletindo a alegria e a energia dessa manifestação cultural. A seguir, apresenta-se uma descrição detalhada dos trajes típicos:

VESTIMENTA FEMININA

- **Saia rodada:** as mulheres costumam usar saias amplas e rodadas, frequentemente compostas por múltiplas camadas e adornadas com rendas e bordados. As cores predominantes são tons vivos, como vermelho, azul, amarelo, lilás e verde;
- **Vestidos rodados e coloridos:** geralmente confeccionados em tecido chitão, são caracterizados por estampas coloridas e detalhes em renda nos babados;
- **Blusa:** as blusas podem ter mangas curtas ou longas e são decoradas com rendas, fitas e bordados. As cores são harmonizadas com as saias, criando um conjunto visualmente coeso;
- **Lenço:** muitas dançarinas utilizam lenços amarrados à cabeça, os quais podem ser coloridos e ornamentados, complementando a vestimenta;
- **Acessórios:** colares, brincos e pulseiras, geralmente confeccionados com materiais simples, são utilizados para realçar o brilho e o destaque do figurino.

Vestimenta masculina

- **Camisa de manga longa:** os homens costumam vestir camisas de manga longa, que podem ser lisas ou conter detalhes coloridos. Geralmente, são confeccionadas em cores vibrantes;
- **Calça:** as calças são, em sua maioria, de cores neutras, preta ou branca, contrastando com as camisas coloridas;
- **Faixa na cintura:** Uma faixa colorida envolve a cintura e adiciona um elemento tradicional ao vestuário. uma faixa colorida amarrada na cintura é um elemento tradicional do traje masculino;

- **Chapéu:** Alguns grupos incluem chapéus de palha ou outros tipos de chapéus tradicionais como parte do traje dos homens. alguns grupos incorporam chapéus de palha ou outros modelos tradicionais como parte do vestuário masculino.

Elementos comuns aos trajes

- **Cores vivas:** as roupas são sempre muito coloridas, simbolizando a alegria e a energia do Siriri;
- **Detalhes ornamentais:** Rendas, fitas, bordados e outros enfeites são comuns nas vestimentas, destacando a riqueza cultural e a criatividade dos trajes. rendas, fitas, bordados e outros enfeites são amplamente utilizados, evidenciando a riqueza cultural e a criatividade dos trajes;
- **Conforto e mobilidade para dançar:** as vestimentas são projetadas para proporcionar liberdade de movimento, característica essencial para a execução dos passos e giros da dança.

Esses trajes não apenas enriquecem visualmente as apresentações, mas também representam a identidade cultural e o orgulho das tradições cuiabanas, reafirmando a importância do Siriri como patrimônio imaterial de Mato Grosso.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste estudo de natureza qualitativa, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, que consistiu na análise da literatura existente sobre o Siriri, incluindo livros, artigos acadêmicos e publicações culturais; e coleta de dados empíricos, por meio de entrevistas conduzidas com membros de grupos de Siriri em Cuiabá, líderes comunitários e estudiosos da cultura regional.

Foram entrevistados nove integrantes de grupos de Siriri em Cuiabá, nove líderes comunitários e três estudiosos da cultura regional. Adicionalmente, foram entrevistados 12 membros de outros grupos de Siriri em Cuiabá, seis líderes comunitários e três estudiosos da cultura regional.

Ademais, foi realizada observação participante em eventos culturais e apresentações de Siriri ocorridos em Cuiabá, como o Festival de Siriri (novembro de

2024), o Carnaval (março de 2025) e a Festa de São Benedito (julho de 2024). Essa etapa envolveu a presença ativa da pesquisadora, com registro sistemático das interações e manifestações culturais por meio de anotações escritas, gravações em áudio e registros audiovisuais. Durante as observações, foram destacados elementos como as expressões dos participantes, variações coreográficas, reações do público, entre outros aspectos relevantes para a análise.

Por fim, realizou-se uma análise documental, na qual foram examinados documentos históricos, registros de festivais e arquivos de grupos culturais, com o objetivo de compreender a evolução do Siriri ao longo do tempo.

RESULTADOS

A pesquisa revelou que a dança do Siriri cuiabano tem suas origens nas tradições dos povos indígenas da região e dos africanos, com influências significativas dos colonizadores portugueses. Ao longo dos anos, o Siriri evoluiu e incorporou novos elementos e estilos, como a introdução de instrumentos musicais modernos, variações coreográficas mais estilizadas e a adaptação de figurinos que dialogam com a cultura contemporânea. No entanto, preservou – e ainda preserva – a sua essência tradicional.

Os dados demonstraram que o Siriri desempenha um papel crucial na preservação da identidade cultural de Cuiabá, como evidenciam as falas dos entrevistados:

- **E1:** “O Siriri é mais do que uma dança, é um símbolo de resistência e pertencimento. Quando a gente dança, está mostrando para o mundo quem somos e de onde viemos.”
- **E3:** “É por meio do Siriri que as novas gerações conhecem a história e os costumes dos nossos antepassados. Ele mantém viva a nossa cultura e nos une como povo.”
- **E5:** “Mesmo com as mudanças dos tempos, o Siriri continua sendo uma forma de expressão que fortalece a identidade cuiabana. Ele representa nossa alegria, nossa fé e nossa tradição.”

As entrevistas destacaram que a dança é um meio de transmitir conhecimentos, habilidades, atitudes e valores culturais e, por conseguinte, de promover a coesão social e a participação comunitária.

- **E2:** “O Siriri é muito mais do que uma dança, é uma forma de aprendizagem. A gente aprende desde criança o respeito pelos mais velhos, o valor da coletividade e a importância de manter viva a nossa cultura.”
- **E4:** “Quando dançamos juntos, sentimos que fazemos parte de algo maior. O Siriri une a comunidade, nos faz compartilhar momentos de alegria e nos ajuda a valorizar nossas raízes.”
- **E6:** “A dança é um elo entre gerações. Nossas avós dançaram, nossos pais ensinaram a gente, e agora ensinamos nossos(as) filhos(as). É um ciclo de conhecimento que mantém nossa tradição sempre viva.”

Desta forma, percebe-se que o Siriri não é apenas uma manifestação artística, mas também um importante mecanismo de transmissão cultural. Ele possibilita a integração entre diferentes gerações, reforça o sentimento de pertencimento e fortalece os laços comunitários. Além disso, ao ensinar habilidades e valores fundamentais, como respeito, coletividade e identidade, a dança contribui diretamente para a preservação e o fortalecimento da cultura local.

Os grupos de Siriri de Cuiabá, como Flor Ribeirinha, Flor do Campo, Flor de Atalaia e Raízes Cuiabanas desempenham um papel fundamental nesse processo, realizando apresentações em diversos eventos culturais, festivais e celebrações religiosas.

As observações realizadas *in loco* durante as apresentações da dança do siriri (Festival de Siriri em novembro de 2024; Carnaval em março de 2025; Festa de São Benedito em julho de 2024, revelaram que essas apresentações são caracterizadas por uma forte interação entre os dançarinos e o público. A música, os trajes coloridos e a alegria contagiante criam um ambiente festivo e envolvente. Os músicos utilizam instrumentos tradicionais, como a viola de cocho, o ganzá e o mocho, que são fundamentais para a sonoridade do Siriri.

As entrevistas também evidenciaram a necessidade de maior ênfase em políticas públicas e iniciativas privadas que incentivem a valorização e preservação do Siriri. Eventos culturais, festivais e programas educacionais desempenham

um papel essencial na promoção do reconhecimento e do respeito pela cultura local. A seguir, algumas falas que corroboram essa necessidade:

- **E7:** “A cultura cuiabana precisa de mais apoio, tanto do poder público quanto da iniciativa privada. O Siriri é uma das nossas maiores riquezas e deveria ser valorizada com mais investimentos em eventos e projetos culturais. ”
- **E8:** “É essencial que as novas gerações aprendam sobre o Siriri nas escolas e que ele tenha mais espaço nos eventos da cidade. A preservação da nossa cultura começa pela educação e pelo incentivo a essas manifestações. ”
- **E9:** “Os festivais de Siriri são uma ótima oportunidade para mostrar ao mundo nossa tradição, mas precisamos de mais apoio para que esses eventos não fiquem restritos a dados específicos, e sim aconteçam ao longo do ano, envolvendo toda a comunidade. ”

Para compreender a evolução do Siriri ao longo do tempo foi realizado a análise documental, na qual foram examinados documentos históricos, registros de festivais e arquivos de grupos culturais, cujos resultados são descritos a seguir:

ANÁLISE DOCUMENTAL SOBRE A EVOLUÇÃO DO SIRIRI

Quadro 2 - Documentos Históricos.

Título do Documento	Observações
“Relatório Cultural de 1950”	Descrição das práticas do Siriri na época, influências externas e mudanças percebidas.
“Crônicas Populares de Santo Antônio de Leverger”	Registros de festas tradicionais e a evolução da dança do Siriri.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Análise e Comentários

A partir da análise dos documentos, conforme apresentado no Quadro 2, observa-se que o Siriri tem passado por transformações ao longo do tempo, influenciado por fatores sociais e culturais. Nos registros da década de 1950, por exemplo, verifica-se uma participação mais expressiva das comunidades rurais. Já em registros mais recentes, percebe-se a inserção de elementos

modernos, como a participação crescente de comunidades urbanas e a introdução de novos instrumentos musicais.

Quadro 3 - Registros de Festivais.

Nome do Festival	Período	Observações
Festival de Siriri de Cuiabá começou no início dos anos 2000	2000	Registro da participação de grupos tradicionais e comunidade urbana na apresentação de Siriri.
Festa do Divino 2010	2010	Mudanças na vestimenta e na coreografia do Siriri.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Análise e Comentários

Os registros de festivais, conforme apresentados no Quadro 3, demonstram que o Siriri permanece como uma tradição viva, embora tenha passado por mudanças estruturais ao longo das décadas. Enquanto os festivais mais antigos mantinham um caráter essencialmente comunitário, os eventos mais recentes passaram a incorporar influências de outras manifestações culturais, ocorrendo também em ambientes urbanos. Além disso, os grupos organizados passaram a estruturar suas apresentações com o objetivo de assegurar a continuidade dessa tradição.

Quadro 4 - Arquivos de Grupos Culturais.

Nome do Grupo	Arquivo Analisado	Observações
Flor Ribeirinha	Entrevista com Domingas Leonor da Silva	Evolução da participação juvenil no grupo.
Flor do Campo	Registro fotográfico	Mudanças nos figurinos e formação de novos integrantes.
Flor de Atalaia	Documentação histórica	Influência de outras manifestações culturais na prática do Siriri.
Raízes Cuiabanas	Entrevistas com membros antigos	Transformações na organização dos eventos e performances.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Análise e Comentários

Os arquivos de grupos culturais, quadro 4, analisados mostram a adaptação do Siriri às novas gerações, com um maior engajamento de jovens e a incorporação de novas estratégias de marketing, como redes sociais e gravações audiovisuais.

Dessa forma dos dados coletados é possível vislumbrar algumas recomendações ao setor público e privado de cultura, tanto de Cuiabá quanto de Mato Grosso:

- Apoio das instituições públicas e privadas para a realização de festivais e eventos culturais de Siriri;
- Incorporar a dança do Siriri nas escolas como expressão cultural por intermédio de projetos educativos, oficinas artísticas e culturais, inclusive com a inserção do ensino-aprendizagem do Siriri nos Itinerários Formativos do Novo Ensino Médio, nos Projetos de Vida ou nas disciplinas eletivas;
- Promover campanhas de divulgação da cultura local nas mídias regionais;
- Criar uma Olimpíada municipal ou intermunicipal de Siriri e Cururu, com divulgação na mídia local e regional;
- Equilibrar a preservação das tradições com a inovação, permitindo que a dança do Siriri evolua sem perder sua essência;
- Fomentar e aprimorar as políticas públicas municipais e estaduais de valorização das práticas do Siriri e do Cururu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a cultura do Siriri em Cuiabá evidencia a sua importância como uma manifestação folclórica que contribui para a preservação da identidade cultural mato-grossense e cuiabana. O Siriri não é apenas uma dança, mas um meio de manter viva as tradições, histórias, narrativas, práticas, atitudes e valores entre as gerações. A participação de grupos culturais e da comunidade é essencial para manter imanente essa tradição.

Os resultados destacam a necessidade de implementação e aprimoramento das políticas públicas municipais, estaduais e federais, bem como de iniciativas

privadas que incentivem a valorização e a preservação do Siriri. Eventos culturais, festivais e programas educacionais são fundamentais para promover o reconhecimento e o respeito pela cultura local. Além disso, a reintegração do Siriri nos projetos educacionais das escolas de Cuiabá, tanto da rede privada quanto da pública, é de suma relevância para a preservação dessa tradição.

Sendo o Siriri uma expressão viva da cultura cuiabana, que resiste ao tempo, ao espaço e às transformações sociais merece atenção especial das autoridades políticas e culturais para garantir que essa manifestação se expanda e contagie as novas gerações como expressão viva de resistência. Através de sua música, dança e alegria, o Siriri celebra a diversidade cultural de Cuiabá e de Mato Grosso, mantendo viva a herança dos antepassados e inspirando as novas gerações a valorizar e preservar suas raízes culturais.

REFERÊNCIAS

GRANDO, Beleni Salete. **Cultura e Dança em Mato Grosso**: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla na Região de Cáceres. 1ª reimpr. Cuiabá-MT: Central do Texto; Cáceres: UNEMAT Editora, 2005.

KALIL, Luna. **Cururu e siriri: o** resgate de duas tradições que colorem Mato Grosso. In UOL Viagem. 2008. Disponível em <<http://viagem.uol.com.br/ultnot/2008/09/04/ult4466u393.jhtm>> Acesso em 26/09/2019.

OSORIO, Patrícia Silva. «**Os Festivais de Cururu e Siriri** », Anuário Antropológico [Online], v.37 n.1/2012, posto online no dia 01 outubro 2013, consultado o 16 novembro 2024. URL: <http://journals.openedition.org/aa/337>; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.337>.

SANTOS, Giordanna. **REFLEXÕES SOBRE A DANÇA SIRIRI E PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM CUIABÁ-MT**, VI ENECULT, 25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil.

SILVA, Domingas Leonor da. Em Nome do Autor “**Cuiabá é tudo para mim**”. Ministério da Cultura, 2014.

SILVA, Fabrício Rodrigues e PEREIRA, Sônia Gonçalves. **SIRIRI DA CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER-MT ONDE MORO**. Disponível em: <https://meuevento.unemat.br/participante/trabalhocientifico/> Acesso em: 31 out. 2024.

A TRANSVERSALIDADE GLOBALIZADA DA SOCIEDADE DE CONSUMO PÓS PANDEMIA E A INVESTIGAÇÃO DO COMPORTAMENTO E DAS TENDÊNCIAS DO MARKETING NA MODA

Bruna Justino Ferreira

SENAI-SP

M.E Alexandre de Caprio Ferreira

SENAI-SP

Artigo original publicado em: 2022 - REVISTA CIENTÍFICA SENAI SP TECNOLOGIA, INOVAÇÃO & EDUCAÇÃO

Oferecimento de obra científica e/ou literária com autorização do(s) autor(es) conforme art. 5º, inc. I, da Lei de Direitos Autorais - Lei n. 9.610/98.

RESUMO

Objetivo: Este artigo visa realizar uma reflexão teórica sobre a transformação digital durante a pandemia de COVID-19 e analisar o comportamento do consumidor durante esse período de isolamento social dada as circunstâncias do fechamento do comércio, além de identificar novas ferramentas tecnológicas e estratégias de marketing para lidar com essa realidade. Estuda-se o caos intrínseco causado pelo vírus SARS-CoV-2 no comportamento do consumidor, o percurso de investigação do espaço e tempo do capitalismo contemporâneo, a digitalização do mercado devido à crise econômica e o avanço tecnológico da indústria. **Métodos:** A redação desse estudo foi possível através da análise bibliográfica com uma metodologia tipológica de periódicos em constante atualização, a fim de desenvolver um estudo recente baseado em levantamentos documentais e dados da imprensa. **Resultados:** De acordo com os resultados obtidos na pesquisa, é possível prever uma retomada comercial e mercadológica da sociedade em um cenário globalizado mais humanizado. Isso ocorre em virtude dos anseios por sustentabilidade, do consumo ético e da consciência auferida perante as crises ecológica e de saúde da pandemia, impulsionando alternativas como e-commerce otimizado, novos meios de pagamento (como o PIX), o crescimento do slow fashion, a moda sem gênero e práticas de upcycling circular. **Conclusão:** O comportamento do consumidor mudou drasticamente para hábitos mais conscientes quanto à qualidade, durabilidade e impacto ambiental. As marcas e indústrias foram forçadas a se readequar mercadológica, digital e ecologicamente para sobreviverem e progredirem no cenário do capitalismo pós-pandemia.

Palavras-chave: Desigualdade Social; Evento Histórico; Vacinação; Ética; Transformação Digital.

INTRODUÇÃO

O mundo sofre hoje o maior impacto contemporâneo com a pandemia de COVID-19, registrando altos índices absolutos de infecções e mortes. Paralelamente ao desemprego recorde (atingindo marcas de 14,7% e afetando milhões de brasileiros) e à retração severa do setor industrial físico, a quarentena impulsionou uma migração massiva para o comércio eletrônico. O setor de e-commerce no Brasil atingiu faturamentos históricos recordes (ultrapassando R\$ 115,3 bilhões em vendas). Diante desse cenário de crise na saúde e recessão econômica, este estudo propõe analisar as transformações digitais do mercado e as mudanças comportamentais da sociedade hiperconectada perante as novas estratégias de marketing de moda.

MÉTODOS

A metodologia usada reúne o levantamento geral e a análise do material produzido pela imprensa e por órgãos oficiais de pesquisa através de levantamentos bibliográficos estruturados. O estudo contextualiza o cenário macroeconômico e sanitário da pandemia de COVID-19 para mapear as suas implicações cotidianas na população, no campo da tecnologia industrial e na construção de novas tipologias mercadológicas de consumo ético e sustentável.

RESULTADOS

Os resultados apontam que a sociedade de consumo pós-pandemia demonstra um forte anseio de reconexão pessoal e ambiental. Registrou-se uma alta expressiva de mais de 50% no consumo de produtos orgânicos e um aumento expressivo de buscas por bem-estar, meditação e artigos esportivos voltados para a manutenção da saúde domiciliar. Dependendo do avanço da doença, o consumo oscila entre itens básicos de suprimento emergencial até a recuperação gradual de classes econômicas de menor renda voltadas à compra de vestuário.

O Avanço do E-commerce e Novas Formas de Pagamento

Os consumidores tornaram-se mais exigentes e atentos às ações de responsabilidade social das marcas. Os hábitos de compra digital consolidaram-se de forma permanente. No entanto, a aceleração repentina trouxe gargalos logísticos: reclamações nos Procons sobre atrasos ou produtos não entregues subiram 98%. Para mitigar esses problemas e agilizar a conversão de vendas, impulsionou-se o uso de ferramentas de transação imediata sem o uso de cartões físicos, como o PIX, carteiras digitais e QR-Codes. Gigantes de marketplace (como o Mercado Livre) registraram recordes absolutos de pedidos e direcionaram investimentos massivos para infraestruturas autônomas de logística (Mercado Envios) e frentes financeiras (Mercado Pago) a fim de baratear ou zerar fretes, que representavam até 70% dos abandonos de carrinhos on-line.

O Impacto da Pandemia no Setor da Moda

Com fábricas e comércios fechados, a quebra das cadeias de suprimentos levou ao encerramento de dezenas de estabelecimentos industriais diariamente. O endividamento e a perda de poder de compra afetaram a maior parte da população nacional. No mercado da moda, grandes marcas globais abandonaram calendários de desfiles tradicionais presenciais e migraram para lançamentos 100% virtuais e digitais. O vestuário direcionou-se para peças confortáveis (moletons tiveram picos de vendas superiores a 680%) e vestimentas sem barreiras sazonais ou de gênero. No mercado de insumos têxteis, destacou-se a inovação tecnológica aplicada ao combate sanitário, como o desenvolvimento de tecidos antivirais com acabamentos à base de íons de prata e polímeros permanentes capazes de inativar o SARS-CoV-2.

DISCUSSÃO

Como contracultura ao consumo desenfreado gerado pelo modelo fast fashion, o movimento Slow Fashion (ligado globalmente ao Fashion Revolution) prega a ética produtiva e a preservação de recursos naturais locais. A urgência desse caminho justifica-se pelos dados alarmantes de poluição ecológica:

“A indústria da moda emite mais de 1,2 bilhão de toneladas de gases estufa anualmente, e a produção em massa de fibras sintéticas à base de poliéster consome milhões de barris de petróleo, cujos descartes levam cerca de 400 anos para se decompor.”

Paralelamente, redes sociais e marketplaces abriram espaço de subsistência e geração de renda para profissionais liberais e microempreendedores (MEIs), fortalecendo produções localizadas e humanizadas. Enquanto movimentos sociais e plataformas de emprego formal (como a Transempregos) lutam ativamente para combater a marginalização estrutural da população trans no Brasil, eventos como a Casa de Criadores e o SPFW projetaram coleções autorais com forte foco em inclusão social e modelagens agêneras.

Sob a ótica do mercado circular, as restrições logísticas geraram estoques excedentes globais bilionários, forçando grandes marcas de luxo e redes de fast fashion (como a Renner, que adquiriu o brechó on-line Repassa) a adotar a reciclagem têxtil (upcycling) e a revenda de peças usadas. O comércio de segunda mão e os brechós virtuais cresceram de forma acelerada, impulsionados pelas gerações Y e Z, que priorizam o consumo sustentável e colaborativo de moda circular.

CONCLUSÃO

Por fim, pode-se concluir que a quarentena gerou uma profunda transformação comportamental e psicológica na sociedade. Atualmente, o ato de consumir está intimamente atrelado a critérios de utilidade, durabilidade, responsabilidade socioambiental e bem-estar individual. A consolidação do e-commerce exige não apenas plataformas virtuais eficientes e dinâmicas, mas sim uma mudança de postura corporativa das corporações, que necessitam adotar práticas transparentes e solidárias integradas à sua comunidade local. No cenário econômico pós-pandemia, as marcas que genuinamente aliarem os avanços digitais ao consumo ético, consciente e humanizado obterão o protagonismo no mercado.

REFERÊNCIAS

- ABC DA COMUNICAÇÃO. Pesquisa COVID-19 Barometer (Consultoria Kantar). 2021.
- ALVAREZ & MARSAL (A&M). **Estudo sobre o segmento varejista de moda e fusões**. Rio de Janeiro: Terra, 2021.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). **Dossiê dos Assassinatos e da Violência Contra Pessoas Trans Brasileiras 2020**. Nações Unidas Brasil, 2020.
- CNN BRASIL. Renner anuncia compra do brechó online Repassa. **CNN Brasil Business**, 15 jul. 2021.
- COLAB PUC MINAS. Dados sobre descarte têxtil e emissão de poluentes. 2021.
- ESTADO DE MINAS**. Tecnologia à base de íons de prata destrói SARS-CoV-2 em tecidos. 2020.
- EXAME**. Dados de faturamento da Tommy Hilfiger Brasil e Relatório GlobalData (ThredUp). São Paulo, 2021.
- FALAUNIVERSIDADES**. Pesquisa Sebrae sobre comércio de artigos de segunda mão. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Pulso Empresa: Impacto da Covid-19 nas Empresas**. 2020.
- MERCADO LIVRE. Levantamento sobre fretes e logística (Comparador Reduza). 2021.
- O GLOBO**. Movimento de brechós cresce na pandemia da Covid-19. Rio de Janeiro, 2 mar. 2021.
- PAYPAL BRASIL; BIGDATA CORP. **6ª edição da pesquisa Perfil do E-Commerce Brasileiro**. E-Commerce Brasil, 2020.
- THINK WITH GOOGLE. Fim da sazonalidade na moda pós-pandemia. **Consumidor Moderno**, 2021.
- TV BRASIL**. Revolução do usado – Uma moda sustentável. **Caminhos da Reportagem**, 7 mar. 2021.
- UOL**. São Paulo Fashion Week e modelagem agênera. Estudo Resale Report 2020 (ThredUP). 2020-2021.

O FUTURO DA TERRA HUMANA E NÃO HUMANA NO SÉCULO XXI: O PODER FECAL DA MÁSCARA ELETRÔNICA

Edson Gonçalves da Silva Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Este estudo investiga o futuro da Terra humana e não humana à luz das transformações técnicas, filosóficas e ecológicas do século XXI. Como eixo teórico, toma a escrita de Antonin Artaud (1896–1948), em diálogo com Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831), Friedrich Nietzsche (1844–1900) e Martin Heidegger (1889–1976), para desenvolver uma crítica ao humanismo e às formas contemporâneas de produção do corpo e da subjetividade. A análise parte da noção de “máscara eletrônica”, elaborada por Artaud em seus escritos de 1948, compreendida como figura conceitual da reorganização técnico-metabólica do corpo, da linguagem e da Terra. Argumenta-se que a expansão dos combustíveis fósseis, das emissões de dióxido de carbono (CO₂) e dos sistemas tecnológicos globais instaurou um regime de devastação planetária cuja lógica articula guerra, energia e produção de subjetividades. Nesse contexto, a geologia humana e não humana é interpretada como mídia secundária e terciária, configurando a passagem do rosto-corpo-terra para o rosto-tela-terra-espectro. A máscara eletrônica é compreendida como fenômeno ontológico, epistemológico e tecnocrático da tragicomédia computacional contemporânea. Conclui-se que o futuro humano e não humano depende da compreensão crítica do neolitismo psíquico dos algoritmos, concebendo o *devir* como forma de micorresistência e de justiça diante dos maquinismos que atravessam Oriente e Ocidente.

Palavras-chave: terra; Antonin Artaud; pós-humanismo; neolitismo psíquico; tragicomédia computacional.

Espaço Liso ($n-1$) e Espaço Estriado ($n+1$)

Não há nada mais inquietante do que refletir sobre o futuro da Terra humana e não humana na contemporaneidade sob o emblema simbólico da máscara eletrônica. Diversos poetas e filósofos dedicaram-se a pensar problemas que tangenciam o conceito desenvolvido neste estudo. Desde a Antiguidade grega, o conhecimento sobre a Terra foi elaborado por diferentes tradições intelectuais, que produziram interpretações distintas acerca de sua constituição, de seus movimentos e de sua relação com a existência humana. Ao longo desse processo, diversas escolas de pensamento formularam conceitos próprios, em grande medida a partir da separação entre os saberes eruditos e as formas não institucionalizadas de conhecimento. Esse movimento contribuiu para a consolidação da escrita como aparato tecnológico fundamental para a organização, a transmissão e a legitimação do saber, bem como para a sistematização dos dispositivos jurídicos que gradualmente substituíram ou incorporaram as tradições orais. A escrita da natureza reúne os conceitos gregos de *gê* (γῆ), referente à Terra, e *lógos* (λόγος), entendido como discurso, estudo ou conhecimento, constituindo posteriormente a ideia de geologia.¹ Antes da consolidação desse conceito, os filósofos da natureza já buscavam compreender os processos que governavam o movimento do mundo em sua condição ainda embrionária. Da reflexão sobre esses processos emerge uma práxis corpórea que configura o trabalho do pensamento sobre o devir da natureza, distinguindo uma geologia do espaço liso ($n-1$) de uma geologia do espaço estriado ($n+1$). Nessa perspectiva, o pensamento sobre o animal abstrato é desenvolvido a partir do ritmo cósmico, concebendo-o como Mecanosfera ou, alternativamente, como Rizosfera. As portas ocultas da máquina abstrata são desocultadas por meio do expressionismo assignificante, refletido em um plano de consistência onde as palavras e as coisas estão postas sem signos e sem imagens, isto é, de maneira negativa, conforme a leitura de Michel Foucault desenvolvida por Deleuze e Guattari (1995). Em contraposição, o juízo de Deus — criticado pela

¹ Na tradição grega, a deusa Gaia (Γαῖα ou Γῆ) personifica a Terra. A associação entre *gê* (Terra) e *lógos* (discurso ou estudo) originou, posteriormente, a denominação "geologia". Embora o termo seja moderno, sua formação etimológica remete às reflexões clássicas sobre a natureza, desenvolvidas pelos filósofos pré-socráticos.

poética de Artaud — manifesta um regime imagético que organiza os blocos de pensamento recorrentes na territorialidade do significante e do significado, da infraestrutura e da superestrutura, bem como da relação entre matéria e espírito, constituídas historicamente na cultura, na sociedade, no Estado e na civilização.

Sob essa perspectiva, a floresta, a caverna e a estepe deixam de ser apenas paisagens naturais e passam a operar como dispositivos de produção de formas de vida. Delas emerge um ideal de homem codificado em territorialidades que, posteriormente, serão traduzidas em códigos digitais oriundos de antigas formas de trabalho manual. A Terra desterritorializada apresenta-se, então, sob o paradigma do Corpo sem Órgãos (CsO), como possibilidade de pensar linhas de fuga que ultrapassam as fronteiras binárias impostas pelos regimes despóticos dos signos. Segundo Achille Mbembe (2025), a Terra constitui uma cadeia simbiótica de um mundo vivo no qual humanos, animais, vegetais, minerais, microrganismos, fenômenos climáticos e tecnologias pertencem ao mesmo plano de existência. Nessa perspectiva, desfaz-se o dualismo metafísico que separava natureza e cultura, permitindo compreender conteúdos e expressões como componentes de uma máquina social produtora de subjetividades, sistemas nervosos, cérebros, linguagens e regimes semióticos (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Nesse plano, tudo participa da realidade: elétrons, buracos negros, organelas celulares, máscaras rostificadas em sistemas eletrosféricos de controle², linguagens artificiais e signos de potência que reivindicam para si autenticidade e pureza. A máscara eletrônica deixa de ser apenas um artefato técnico e passa a operar como dispositivo ontológico de produção do rosto, da percepção e da própria experiência geológica do mundo.

² A rostificação possui uma genealogia que remonta às práticas pictóricas e rituais das sociedades antigas. Posteriormente, essa lógica foi reconfigurada pela geometria euclidiana, pela perspectiva renascentista, pela indústria cinematográfica moderna e, mais recentemente, pelos sistemas computacionais capazes de produzir rostos sintéticos por meio de algoritmos matemáticos. O rosto, lugar da máscara por excelência, é apresentado por Deleuze e Guattari (1996) como expressão do sistema muro branco-buraco negro. Com o desenvolvimento da indústria cinematográfica, a máscara adquire uma dimensão eletrônica, cuja produção da subjetividade se constitui pela incidência da luz e pela projeção das sombras na superfície do rosto. Nessa perspectiva, o cinema amplia o funcionamento da máquina abstrata de rostificação ao transformar o rosto em uma superfície de inscrição de afetos, signos e processos de subjetivação, configurando aquilo que pode ser compreendido como um rosto-terror.

As temáticas desenvolvidas neste estudo buscam compreender os conceitos de geologia, humano, não humano e máscara eletrônica enquanto produções do pensamento ocidental, examinando-os à luz dos jogos da arte da guerra constituídos nas culturas teocráticas tradicionais, nas cidades-Estado gregas, na República romana e nas civilizações moderna e contemporânea. Nessa perspectiva, investiga-se a constituição do ideal de ser humano como medida imunológica de caráter eugenista. As fossas dos espectros visuais emergem nesse cenário a partir da mídia secundária e da mídia terciária, concebidas como dispositivos de produção de signos *a priori* oriundos das fabricações arbitrárias da linguagem imagética. A máscara arrependida de Prometeu e os subterfúgios ecoenergéticos do presente constituem temas amplamente debatidos no espaço público contemporâneo (SLOTERDIJK, 2024).

A marcha contra a vida do planeta começa a ser questionada, mas esse debate não se restringe à contemporaneidade. Hegel, Nietzsche e Heidegger (1973), mobilizados por Artaud em suas *Obras Completas* (2004), já problematizavam, sob diferentes perspectivas, os caracteres dessa cremação produzida pelo fogo. Ao retomarem o pensamento dos antigos filósofos da *phýsis*, conferiram especial atenção à *poíesis* de Heráclito de Éfeso para criticar a ascensão do sistema metafísico da crueldade e propor um novo *ethos* poético para a existência. Na escrita de Artaud, contudo, esse projeto exige uma revisão radical, fundada na fusão entre o ser e o não ser, ambos capturados pelos aparatos tecnocráticos da força burguesa, manifestos na mitologia, na religião e na razão científica. Nesse contexto, Deleuze (1997) interpreta Heráclito como o poeta do combate ocidental, em contraposição ao princípio do não combate atribuído ao pensamento oriental.

A metodologia adotada neste estudo consiste em uma pesquisa de natureza bibliográfica, documental e hermenêutica, fundamentada na análise de capítulos de livros, obras poéticas e artes plásticas que dialogam com os temas investigados. O corpus analítico articula discussões sobre a poesia da natureza enquanto sentença, a filosofia do espírito, os códigos jurídicos, culturais, sociais, estamentais e civilizacionais, bem como as fecalidades eletrônicas das mídias espectrais de massa (ESSLIN, 1977; DELEUZE; GUATTARI, 1996; ARTAUD, 2004). A investigação examina, ainda, a conexão entre o corpo despótico

capitalista e o conceito de neolitismo psíquico³ computacional, entendido como categoria interpretativa para compreender a emergência planetária das tecnologias de cálculo, seus efeitos sobre a comunidade terrestre e as possibilidades de uma justiça do devir diaspórico que atravessa diferentes tempos e espaços. Por fim, o estudo analisa as relações entre pós-humanismo, loucura e glossolalias na obra de Artaud, buscando compreender de que modo esses elementos contribuem para uma crítica da racionalidade técnico-metafísica contemporânea. No decorrer deste estudo serão desenvolvidos os seguintes tópicos: 1) apresentar a fundamentação teórica, organizada na seção A Pensadores da Terra e de seu destino desvelado; 2) especificar o debate analítico na seção B Geopóiesis da crueldade do pensamento grego entre a crueldade, o teatro e a democracia: Anaximandro, Heráclito e Ésquilo e os novos engramas da cultura (DELEUZE, 1997; ARTAUD, 2004; MORIN, 2017, 2025) emergentes das revoltas na complexidade poética e sociofilosófica contemporânea; 3) analisar as manifestações do neolitismo psíquico, compreendido como síntese metabólica entre natureza, arte, sociedade humana e não humana e tecnologia comunicacional, desenvolvidas na seção C Tragicomédia computacional; e 4) apresentar as Considerações finais, nas quais serão retomados os objetivos da pesquisa, sintetizados os resultados obtidos e propostas contribuições para o pensamento cognitivo pós-humano neuropoético, pensado contra e através da guerra e da paz no universo algorítmico recriado por espectros hologramáticos em tensão com os corpos e os livros. Tal estudo fundamenta-se na análise das dimensões visual, acústica, performática, poética, filosófica e socioneoatômica que caracterizam a experiência contemporânea.

³ O começo de uma nova era marca a existência da fixação do animal racional enquanto modo de existir neolítico. É com o trabalho manual da digitalização das pedras transformadas em relações numéricas que começa o drama aqui denominado de neolitismo psíquico. Época atualizada pela natureza do cálculo computacional. Por exemplo, nesse universo, x apresentado como coordenada de entrada e pode ser representado por $n + \dots$ ou por $n - \dots$ e y como coordenada de saída também obedece a mesma regra $n + \dots$ ou $n - \dots$. A etimologia dessa palavra derivada de calculus vem do latim a denominar pedra utilizada na contagem de animais. A herança mais remota do cálculo computacional passa pelo plano coordenado engrama da terra trabalhada. Egípcios, babilônicos e chineses cultivaram essa arte passada para as futuras gerações de todo o mundo. Nos dias atuais tal expressão artística aparece refletida na construção civil, nas fabricações de estátuas, da casa aos prédios: herança neolítica. Na física dos afetos de Artaud (2004), as rochas têm papel preponderante na vida do mundo humano e não humano.

Pensadores da Terra e de seu destino desvelado

O Dia da Terra, instituído em meados da década de 1970, marca também um momento em que a geologia humana e não humana começou a ser repensada por organizações de âmbito internacional. Paralelamente, as ciências filosóficas, em diálogo constante com as poéticas da revolta e com a sociologia da complexidade ecológica, passaram a elaborar diagnósticos acerca do sentido da Terra e de seu futuro. Nesse horizonte, Hegel (terror e combustão), Nietzsche (idealismo) e Heidegger (morada) figuram entre os pensadores que formularam críticas contundentes aos modos de habitação terrestre produzidos pela modernidade, denunciando a devastação progressiva do solo, dos mares e dos rios e, posteriormente, do próprio céu, ocupado por artefatos maquínicos que passaram a circundar o planeta. Esses filósofos descrevem, sob perspectivas distintas, os problemas enfrentados pelos seres humanos e não humanos diante das múltiplas formas de violência exercidas contra a natureza e contra a própria constituição da subjetividade humana. Como observa Nietzsche:

— Alguém quer descer o olhar sobre o segredo de como se *fabricam ideais* na terra? Quem tem a coragem para isso?... Muito bem! Aqui se abre a vista a essa negra oficina. Espere ainda um instante, senhor Curioso e Temerário: seu olho deve primeiro se acostumar a essa luz falsa e cambiante... (1998, p. 37-38).

Toda a história da civilização constitui o fruto apodrecido da razão utilitária, mobilizada para alimentar suas máquinas de guerra sob o regime dos inúmeros “ideais” fabricados nessa “oficina negra”, como assinala Nietzsche. Qual seria então o verdadeiro destino da Terra humana e não humana diante da perda de sua originalidade, tal como problematizam Deleuze (1997), Morin (2025) e Mbembe (2025), aqui compreendidos como pensadores da condição terrestre do espírito histórico contemporâneo?

Neste capítulo, o *lógos* geo-infamiliar, de natureza poética e rizomática, proveniente das margens subterrâneas do saber e cindido em si mesmo, abrirá canais afetivos transdisciplinares com o intuito de promover aquilo que denomina-se escola da *humanitas* do *homo humanus*, em diálogo com Heidegger (1979). O surgimento da *poíesis* grega, cindida e entrelaçada à mística das culturas ágrafas e às tradições sapienciais do Oriente e da África, constitui

o alicerce de uma socio-onto-historiografia híbrida. A emergência da mídia secundária, ao produzir conceitos destinados a nomear as causas naturais como códigos que distinguem o determinável e o indeterminável, o limite e o ilimitado, orienta o estudo do movimento da *phýsis*, anteriormente enunciado em linguagem poética e posteriormente teatralizado sob a forma da guerra dos contrários. Nesse horizonte, Sófocles, Anaximandro, Heráclito, Ésquilo, o teatro, a política democrática elitista, Arquimedes e a metafísica animista de matriz africana compõem um campo de forças que se contrapõe ao humanismo clas-sista. É nessa direção que Heidegger (1979, 1999) concebe um contra-humanismo, compreendendo a *humanitas* como uma elevação essencialmente poética do ser humano. Para esse pensador, o conceito de *Physis* é mobilizado a partir de sua originalidade poética, ou seja, “Physis significa, portanto, originariamente, o céu e a terra, a pedra e a planta, tanto o animal como o homem e a História humana, enquanto obra dos homens e dos deuses, finalmente e em primeiro lugar os próprios deuses, submetidos ao Destino” (HEIDEGGER, 1999, p. 45). Heidegger examinou esse conceito em sua formulação metafísica e sustentou que Hegel encontrou, na noção do *Logos* heraclitiano, o movimento dialético como princípio da unidade e da unificação dos contrários. Nessa interpretação, o *Logos* exprime o processo pelo qual o ser, o vir a ser e o perecer se articulam no devir da própria *Physis*.

A poesia da natureza, proveniente da dialética de Heráclito, é interpretada por Hegel a partir da eclosão de forças em que a alma do mundo é sacrificada pelo elemento ígneo. De acordo com o filósofo:

O extinguir-se da alma, do fogo na água, a combustão que se torna produto, alguns comentam como combustão do mundo. É mais um produto da fantasia que Heráclito teria falado de um incêndio do mundo, que após determinado tempo (como, segundo nossa representação, o fim do mundo) o mundo terminaria no fogo (HEGEL, 1973, p. 103).

Hegel observa, em sua interpretação do pensamento do poeta de Éfeso, que a ideia de um “incêndio do mundo” não constitui propriamente a tese de Herá-clito. O que caracteriza sua filosofia é a noção de uma “combustão do mundo”, compreendida como o movimento permanente do *devir*, no qual vida e morte se

afirmam como manifestações da própria existência. Nesse horizonte, a imagem da alma seca exprime a vitalidade do fogo sempre vivo, que se acende e se apaga segundo medida, preservando a constância do *devoir*. Desse modo, as formas da realidade são continuamente metamorfoseadas na natureza, acompanhando a dinâmica cíclica da Terra e dos corpos celestes que compõem a ordem/desordem do cosmos. A esfera estética do pensamento heraclítico evoca, ainda, as forças ocultas da *hýbris*, aspecto ressaltado por Nietzsche ao caracterizar Heráclito como o filósofo que voltou sua atenção para as obscuridades do mundo. Nessa perspectiva, Heráclito privilegia o jogo inocente de *Aíon* em detrimento da racionalidade obstinada dos homens da cidade-Estado, cuja pretensão ao saber revela, paradoxalmente, formas de ignorância, desmedida e irracionalidade. "O homem, até sua última fibra, é necessidade, e totalmente não livre – se se entende por liberdade a tola pretensão a poder mudar arbitrariamente sua essência, como uma roupa, pretensão que toda filosofia séria rejeitou com o devido sarcasmo" (NIETZSCHE, 1973, p. 114). O bem contemplativo de Heráclito consistia na descrição do mundo⁴, tal como este se apresentava ao seu olhar de águia destituído dessa visão escrava assentada num materialismo enquanto tal. Desse modo, encontrava refúgio diante da massa de espectadores apáticos que o designava como um homem sombrio, obscuro, melancólico, pessimista e, por fim, odioso, conforme ressalta Nietzsche. Com orgulho e graça solar, o filósofo da natureza traça seu caminho solitário⁵ e, por meio dele, edifica um *lógos* de índole guerreira.

Lawrence reencontra Nietzsche intensamente: tudo o que é bom provém de um combate, e o mestre comum de ambos é o pensador do combate, Heráclito. Nem Artaud, nem Lawrence e nem Nietzsche suportam o Oriente e seu ideal de não-combate; os lugares mais memoráveis são para eles a Grécia, a Etrúria, o México, todos os lugares em que as coisas advêm ou devêm no

⁴ Esse ato descritivo constitui, ao mesmo tempo, um ato político, na medida em que a escrita poética se converte em justiça imanente do combate ético, afirmando-se como gesto de recusa à corrupção humana.

⁵ O fenômeno das microssolidões povoadas configura uma das características do universo urbano fragmentado, intensificado nas megalópoles contemporâneas pela expansão dos espectros computacionais. Nesse circuito eletrosférico, a interação direta entre os corpos cede lugar à mediação técnico-digital, no interior da qual se produz uma nova forma de existência humana.

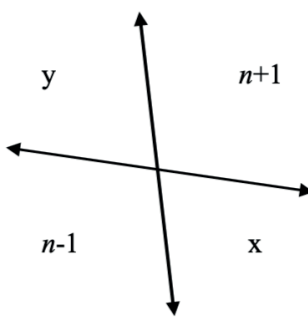
curso do combate que lhe compõe as forças (DELEUZE, 1997, p. 150-151).

Tais forças somente operam de maneira transconjuntiva, jamais de forma isolada. Por isso, torna-se necessário definir os campos dos combatentes e dos não combatentes nesse jogo político de afirmações e negações da vontade. A ilusão, o sacrifício e a morte apoderam-se das consciências dos mestres das manadas míticas, religiosas e racionais, como Buda, Péricles ou Cristo. Deleuze enfatiza que Artaud aponta, primeiramente, para a guerra entre potências planetárias, como os Estados Unidos e a Rússia. Ambos são picos incendiários. Heidegger também observou muito bem tal destino, a configurar outro sentido para a Terra: “A decadência espiritual da terra já foi tão longe, que os povos se vêem ameaçados de perder a última fôrça de espírito, capaz de os fazerem simplesmente ver e avaliar, como tal, a decadência (entendida em sua relação com o destino do Ser)” (HEIDEGGER, 1999, p. 95). O destino da morada, isto é, da habitação terrestre, é compreendido, no âmbito da tradição metafísica heideggeriana, como um processo que culmina na destruição dos modos de habitar. Esse processo manifesta-se, historicamente, nos territórios europeu, asiático, africano e americano. No capitalismo contemporâneo, tal dinâmica intensifica-se por meio da devastação da Terra, da massificação da existência humana e da hostilidade dirigida à liberdade da reflexão micropolítica, sócio-filosófica.

$$\frac{\textit{Metástase}}{\textit{apocalipse atômico}} = \frac{\textit{Terra – câncer}}{\textit{Deus – bomba}} = \frac{\textit{vida}}{\textit{saber}}$$

Deleuze apresenta a seguinte equação: (1997, p. 29). O resultado da devastação intensificada pelo capitalismo manifesta-se na composição e na decomposição da vida e do saber, continuamente submetidos à destruição ao longo da história sócio-neoatômica. Esse processo projeta sobre o mundo a transcendência do “Deus-bomba”, figura capaz de produzir a eliminação da vida e a esterilização do planeta por meio da contaminação radioativa. Como observa Deleuze: “Todos os médicos do mundo, os ‘canalhas de bata verde’ que andam dois a dois como padres, não curarão a mãe cancerosa bombardeando-a de átomos” (IBIDEM, p. 28). É nesse ponto que $n + 1$ alcança uma escala

potencialmente infinita. Os números deixam de indicar apenas um crescimento quantitativo e passam a expressar uma lógica de expansão permanente, cuja dinâmica se ancora na comensurabilidade produzida pela transconjunção explosiva entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno. O grande torna-se um valor em si e para si, uma vez que sua expansão tende continuamente ao máximo. É justamente essa lógica de maximização que desemboca na crise climática em escala planetária. Nesta dialética, os eixos $n+1$ e $n-1$ são articulados às coordenadas x e y e interpretados à luz da filosofia de Deleuze e Guattari (1995), conforme apresentado a seguir:



Nesse mesmo plano de análise, Peter Sloterdijk, ao retomar a *logosfera* heraclítica, interpreta a *ekpyrosis* como a consumação do mundo pelo fogo, relacionando-a ao processo metabólico que alimenta as máquinas empregadas tanto por civis quanto por militares. Em tal contexto, o autor introduz a noção de ecomatemática como categoria de análise das relações entre superpopulação, energia elétrica, energia solar, técnicas de extração de petróleo e gás e as novas formas de habitar o planeta, compreendendo tais processos como elementos da produção de novos despotismos e da devastação planetária pós-prometeica. “O que consideramos civilizações modernas são, «na realidade», efeitos de incêndios de floresta que as pessoas dos nossos dias ateiam nas relíquias da antiguidade da Terra” (SLOTERDIJK, 2024, p. 26). Forma-se, assim, uma psicologia social negra que passa a orbitar esse cenário trágico. Para Sloterdijk, o universo desse pós-drama nuclear adquire uma nova configuração, marcada pelas psicologias detonadas no interior de massas intoxicadas. Sendo assim, o filósofo citado pretende situar tal modelo metabólico da seguinte maneira: “poder de comando” mais “força de trabalho” mais “sistemas de máquinas

motrizes” mais “portadores de energia fóssil” mais “resíduos ou emissões”. Tal como Hegel, Sloterdijk compreende a marcha da racionalidade tecnológica proveniente das revoluções industriais enquanto acabamento contra a própria ideia de natureza.

Achille Mbembe (2025), em *A comunidade terrestre*, analisa a trama do habitar que envolve a Terra, na qual fluxos de matéria, energia e vida são continuamente reorganizados para atender às exigências da competição. Esse processo transforma as antigas metafísicas culturais, historicamente marcadas pela classificação de povos e modos de vida como diferentes ou inferiores em relação aos modelos de dominação associados aos ideais de civilização. Mbembe também chama a atenção para as relações numéricas que atravessam essa metafísica animista. A constituição daquilo que se denomina verdade resulta da articulação entre o signo e o espanto. Como exemplo, o autor menciona, na mitologia dos bambaras (grupo étnico do oeste africano), a existência de uma contagem considerada secreta e oculta, vinculada a um sistema de enumeração que “(...) reproduz os sete números primordiais inscritos no espaço no momento da formação do Universo” (MBEMBE, 2025, p. 24). Artaud (2004) também adentra o universo dos números ao dialogar com o pensamento pitagórico e com a tradição numerológica da Cabala. Em suas reflexões, o poeta examina a disposição do infinito por meio de uma estrutura simbólica na qual a linha ascendente, associada ao princípio masculino, acompanha o fluxo celeste dos deuses, enquanto a linha descendente, vinculada ao princípio feminino, penetra o infinito do escrutínio da Terra. Da modernidade à contemporaneidade, a Terra torna-se objeto espectral de cálculos computacionais. A Terra real já não existe mais nesse cenário. Em *A montanha dos signos*, Artaud (2004) mobiliza uma simbólica numérica inspirada na tradição cabalística para relacionar números, estátuas, formas e sombras, cujo resultado era 3, 4, 7, 8 e sempre recomeçava de maneira cíclica. Nesse contexto, os números estruturam diferentes figuras simbólicas: o busto de mulheres truncadas é associado ao número 8, ao passo que o dente fálico é representado pela composição de três pedras e quatro furos. Por último, tem-se as formas voláteis sendo transcritas pelo número 12. As imagens numéricas cumprem papéis tanto simbólico quanto poético, sejam eles naturais, não repetitivos e antropológicos repetitivos. Tal saber desconhecia a

ideia de elevação numérica ordenada pela decomposição da ciência régia estatal vinculada à política matemática da guerra pela conquista da Terra.

A ideia de Sloterdijk acerca da ecomatemática poderia ser aplicada num outro contexto cultural, quer dizer fora dos olhares civilizatórios?

Atualmente, reconhece-se a relevância filosófica da cultura poética e científica desenvolvida na Grécia antiga para a constituição do pensamento matemático. Deleuze e Guattari distinguem a ciência régia da ciência menor, ou ciência nômade, caracterizada por sua microrresistência às classificações fixas e por seu *devenir* turbilhonar. Conforme observam os autores: “Segundo um livro recente de Michel Serres, pode detectar seu rastro ao mesmo tempo na física atômica, de Demócrito a Lucrécio, e na geometria de Arquimedes” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 24). Segundo Deleuze e Guattari, essa modalidade de cientificidade manifesta-se, inicialmente, na modelização hidráulica dos fluxos e dos meios de consistência fluida. Em seguida, afirma-se no *devenir* e na heterogeneidade dos processos naturais, cuja estabilidade nunca é definitiva, expressando-se por meio da declinação curvilínea, das espirais e do movimento turbilhonar. Por fim, a ciência menor constitui-se a partir de problemas, afecções e espaços atravessados pela tensão entre o liso e o estriado. O primeiro caracteriza-se por sua dimensão vetorial, intensiva e projetiva, enquanto o segundo corresponde à organização métrica, extensiva e segmentada.

A ecomatemática (SLOTERDIJK, 2024), concebida a partir dos conflitos existenciais produzidos pela ciência régia, configura-se como um campo voltado à compreensão e ao enfrentamento dos problemas que incidem sobre os espaços da Terra, entre os quais se destacam o aquecimento global, a crise energética e a concentração da população mundial nas megacidades. Nesse contexto, a matematização da vida converte-se em um dos dispositivos que organizam os processos de devastação e intoxicação do planeta, articulando-se ao biologicismo e ao fisicalismo positivistas que subordinam a existência a uma racionalidade utilitária. Todavia, tais desafios não constituem apenas um problema para a ecomatemática, mas para o conjunto dos saberes, sejam eles nômades ou régios, uma vez que o caos ecológico atinge a totalidade das formas de vida em escala planetária. É sob a emergência de uma Geopoíesis da crueldade do pensamento, radicada nesse cenário teatralizado, que se torna

possível elaborar outra via micropolítica, fundada na metamorfose revolucionária do corpo-esquizado e orientada para a escrita de uma geologia imoral da práxis subversiva. Nesse horizonte, novos engramas da contracultura da crueldade podem emergir por meio da poesia, do teatro e da crítica às formas instituídas da democracia representativa.

Geopoética da crueldade do pensamento grego entre o teatro e a democracia

O direito não tem a imobilidade das coisas eternas, porém se desloca incessantemente entre famílias que têm de retornar ou devolver o sangue. São signos terríveis que laboram os corpos e os colorem, traços e pigmentos, revelando em plena carne o que cada um deve e o que lhe é devido: todo um *sistema da crueldade*, cujo eco se ouve na filosofia de Anaximandro e na tragédia de Ésquilo (DELEUZE, 1997, p. 145).

Artaud (2004), ao estudar a tragédia grega, propõe a suspensão do ideal de juízo assentado na lei do sangue familiar. Para tanto, busca criar, por meio de uma estética cênica da crueldade, a subversão desse signo. A cultura da *paideia* grega englobava a poesia, o teatro, a música e a política democrática elitista, representada por atores que se diziam homens democráticos.⁶ O palco era adornado por simbologias literárias, mitológicas, religiosas e morais, interligadas ao teatro, à arte, à linguagem, à arquitetura e à filosofia. O motor da história dos séculos IV e V orbitava sob o poder inovador do teatro e da política, a qual era representada pelo voto. Nesse momento, a profissão do ator surge a partir do instante em que o rosto é coberto por uma máscara específica. Atenas, desde então, passa a ser o palco da tragédia e da comédia, tendo Ésquilo, o soldado-dramaturgo, como seu porta-voz, a falar em nome da fé e do heroísmo daqueles oprimidos pelo demônio da injustiça. A força da *hybris* converte-se na mais sangrenta luta entre a tradição guerreira da aristocracia e a nova classe, a saber, a do povo rebelado: o coro da peça. Ésquilo dá vida a Prometeu, deus do

⁶ Platão (apud DELEUZE, 1997) critica os ideais da democracia ateniense ao confrontá-los com a doxa, a amizade, o amor e a imanência irredutível do espaço terrestre, conforme se observa nos diálogos Teeteto, Banquete e Timeu.

fogo e do segredo, a cercar toda a cultura, dentro e fora dos palcos atenienses. Pois, para tanto,

Foram precisos muitos desvios no caminho, pois no início os deuses eram testemunhas passivas ou pleiteantes queixosos que não podiam julgar (como nas Eumênidas de Ésquilo). Só pouco a pouco os deuses e os homens se elevaram juntos à atividade de julgar, para melhor e para pior, como se vê no teatro de Sófocles (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 146).

Diferentemente de Ésquilo, Sófocles desprende-se da benevolência divina que outrora fazia justiça aos mortais, segundo os preceitos míticos ou religiosos radicados em uma vingança fulminante que pretendia instituir-se como política democrática da elite teatral. Hegel, Nietzsche e Heidegger estudaram os escritos desse tragediógrafo, cuja obra procurava discorrer sobre os efeitos políticos das linhagens constituídas pelo incesto no cenário do poder político. Na análise desenvolvida por Heidegger: "As tragédias de Sófocles ocultam — permita-se-me uma tal comparação —, em seu dizer, o *ethos* de modo mais originário que as preleções de Aristóteles sobre a 'Ética'" (1979, p. 170). Heráclito, ao evocar sentenças poéticas sobre a originalidade do *ethos*, suspende o juízo entre o poder político e a manifestação poética, ou seja, entre o saber corrompido da cultura e o saber sobre a natureza do *Logos*, ouvido no silêncio. É nesse sentido que Heidegger demonstra a sagacidade de Heráclito ao revelar a essência do ser como manifestação do *daímon*, isto é, do sentido daquilo que é nomeado pela linguagem como essência do habitat (visão cosmológica). Prisão, liberdade, arrependimento, vingança, dor, sangue, morte, guerra e paz constituem componentes políticos deturpados pelo conflito entre a tradição e a cidade-Estado. Foi isso que Heráclito descobriu na fronteira estabelecida entre a lucidez e a tragédia. Os heróis de Ésquilo sofrem com a originalidade do movimento revolucionário democrático, enquanto os de Sófocles (DELEUZE, 1997) se horrorizam com as aberrações das ações políticas gestadas nesse cenário, onde se produz a carnificina. Na concepção de Deleuze (1997), Heidegger supera os delírios da

metafísica tendo em vista o desenrolar da "patafísica"⁷, *μετὰ τὰ φυσικά*, como virada onto-epistemológica a superar os destinos cruéis da dominação da técnica advinda da metafísica. Jarry foi um dos pioneiros dessa arte, posteriormente associada ao movimento surrealista, e Artaud, com certeza, foi influenciado por tais ideias para sedimentar, no *Logos* da cidade pós-moderna, o manifesto de protesto revolucionário de contra-ataque à "pátria" e à "família":

A pátria se ergue entre o homem e a riqueza do sol. Ela exige que os frutos do suor humano sejam transformados em canhões. Ela transforma o ser humano em traidor do seu semelhante. A família é o fundamento da coesão social. A ausência de toda fraternidade entre pai e filho serviu de modelo a todas as relações sociais baseadas na autoridade e no desprezo dos padrões pelos seus semelhantes. Pai, pátria, patrão, esta trilogia que serve de base à velha sociedade patriarcal e, hoje em dia, à cachorrada fascista⁸ (ARTAUD, 2004, p. 686).

Na realidade, a metafísica foi corrompida pelo idealismo jurídico da sofística, assentado no direito do mais forte, e toda a história do teatro ocidental foi regida por esse princípio, fundamentado em uma ideia continuamente renovada de Estado de direito como base da reificação do poder do capital, assentado em um terror teatral de hábito psicológico burguês. É esse o fascismo de base denunciado pela poética de Artaud, a insuflar os campos de extermínio capturados pelo movimento da corrida pela conquista da matéria. A linguagem oficial delira nesses campos autoritários, onde a técnica e o poder do dinheiro

⁷ Conforme esse conceito, o ser do fenômeno, a técnica planetária e o tratamento da própria língua compõem aquilo que Deleuze denomina de "epifenômeno", apresentado como in-útil e in-consciente: o ser do fenômeno. Tais elementos constituem os objetos da patafísica. Portanto, o trabalho do pensamento abrange a reflexão não do ser sobre o Ser, mas do ser sobre o fenômeno do ente, que também pode ser a própria vida poética legada ao absurdo singular da existência. O fenômeno corresponde ao âmbito da percepção, enquanto o Ser é concebido como uma categoria abstrata do pensamento. O grande ente denominado "Ubu Rei", de Alfred Jarry, representa, então, o deslocamento metafísico articulado à técnica dominante do planeta, associada à ciência que movimenta todas as máquinas em seus respectivos frenesis anárquicos, travestidos de bomba. Na verdade, a patafísica (infamiliar) é posta como Geopoiesis do pensamento duplamente dobrado em si mesmo, a pairar no além ou no aquém da metafísica, sendo assim, torna-se exceção desviante de um caso particular no eixo da coordenada n-1.

⁸ "La patrie se dresse entre l'homme et les richesses du sol. Elle exige que les produits de la sueur humaine soient transformés en canons. Elle fait d'un être humain un traître à son semblable. La famille est le fondement de la contrainte sociale. L'absence de toute fraternité entre le père et l'enfant a servi de modèle à tous les rapports sociaux basés sur l'autorité et le mépris des patrons pour leurs semblables. Père, patrie, patron, telle est la trilogie qui sert de base à la vieille société patriarcale et, aujourd'hui, à la chiennerie fasciste".

agem de maneira arbitrária, passando por cima de tudo e de todos. Por isso, Heidegger (1999) proclama o fim da filosofia como metafísica. Para ele, Nietzsche anuncia os pressupostos dessa ruína sob as figuras do erro, da fumaça e do vapor. O Ser aparece, então, como negação, embuste e delírio. A realidade, concebida sob a perspectiva do *devir* como passagem do verbo haver⁹, é *n-1* (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Seria esse o Nada do Ser de que fala Heidegger?

O problema de encontrar o *devir* da amizade, tal como proclamou Heráclito, a partir de um combate político de origem poética, encontra-se disposto no desvelamento do verbo Ser em sua essência metafísica. Ele, ao negar o programa político para implementar o ideal de um Estado central de origem privada, denominou-o de regime de guerra. Sua poesia da natureza, em vez de procurar o Ser como identidade segmentada, recolhe-se no *devir* da amizade, apresentado como combate de afecções e linhas de *devir*, em oposição à forma do Estado ideal, onde “a geometria e a aritmética adquirem a potência de um escalpelo” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 89). Em tal Estado reformista, o rosto do pai, do coronel e do patrão transbordam na direção de seu centro contagioso, de inúmeros significados, nos quais deliram entre círculos e bordas de segmentos. O Ser, na verdade, é a aparição de seus buracos cada vez mais sólidos e negros. Será possível investigar a tragicomédia computacional a partir do desvio do *devir* ético da amizade, tendo em consideração o sobrevoo do poder fecal das máscaras eletrônicas a plagiar terras, pais, coronéis e padrões em seus dispositivos eletrônicos? Os códigos das antigas, das modernas e das atuais culturas são capturados pela máquina computacional na qual configura-se o novo combate pós-político. A comédia não se separa da tragédia no contexto eletrônico de dominação. Tudo coexiste nesse cenário.

⁹ O movimento nômade da criação segue os fluxos turbilhonares, em vez de se agarrar aos destroços da metafísica do Ser enquanto ser. São linhas de fuga do real *n-1* contra a maquinação infinita da grandeza *n+1*, a inchar cada vez mais seu arredondamento estriado nos buracos negros ficcionais entificados pelo terror metafísico do Ser como transcendência do “Deus-bomba”, no qual captura o real *n-1* para fins bélicos. O golpe vem de todos os lados e de todos os cantos.

Tragicomédia computacional e devir ético da amizade: o poder fecal da máscara eletrônica

Em vez dos cortes da anatomia, Artaud (2004) prefere os átomos como elementos compositores e decompositores da vida em devir de criação. Nesse sentido, o devir ético da amizade será pensado a partir da experiência poética do grito revolucionário, utilizando-se dos meios de opressão radiofônica, da voz debilitada do poeta, na qual ecoará sob a medida e a desmesura da técnica eletrosférica, com o intuito de atingir os corações daqueles cidadãos educados nos moldes do bom gosto, da moralidade burguesa e dos costumes patrióticos, familiares e religiosos. Foi no período da Guerra Fria que a radiodifusão pós-totalitária conquistou os sentimentos da nova geração tecnológica. Artaud procurava combater a cultura ocidental por meio de sua criação, que, aos olhos do público, era terrível e cruel (MÈREDIEU, 2011), contra o genocídio, o epistemicídio e o etnocídio provenientes das conquistas de Colombo e do império americano, em oposição à tradição pré-colombiana dos “indígenas” sem-terra. Enquanto dramaturgo, o poeta poderia utilizar-se dos meios secundários e terciários das mídias para manifestar o grito-revolta primário do corpo crucificado após a sobrevivência. A máscara eletrônica de Artaud evoca as forças obscuras do reino de Satã, pois o poeta quer realmente ajustar suas dívidas para com Deus, ou seja, deseja suspender o ideal desse juízo por meio dos recursos eletrônicos propagados pela radiodifusão. É nesse momento onto-histórico que as usinas de corpos eletrônicos começam a dissolver venenos tóxicos disseminados por toda uma geologia avariada, sob o preceito da fecalidade eletrosférica. O filósofo da floresta negra manifesta seu entendimento sobre esses aparatos tecnológicos: “A organização técnica da opinião mundial pelo rádio e pela imprensa, que já é levada de arrasto, é a forma de domínio propriamente tida do historicismo” (HEIDEGGER, 1973, p. 28). Artaud também observou a doença do acúmulo universal da História consumada em tal poder de “dominação” que atinge o maior número de espectadores com seus raios elétricos sonosféricos e hipnóticos. Mèredieu, ao publicar esta mesma imagem (fig.1) em sua obra sobre Artaud e a transmissão radiofônica, evoca o pensamento do poeta da seguinte forma: “Ali onde está a máquina, está ainda o abismo e o nada, [...] é por isso que eu não tocarei nunca mais no Rádio” (ARTAUD, 1948 *apud* MÈREDIEU, 2011, p.

938). O poeta compreendia que os processos de intensificação da morte haviam tomado essa direção e, por isso, atuou como crítico dos abismos e do “nada”, concebidos como buracos negros da indústria radiofônica, trágico-cômica.

Fig. 1 - Desenho de M. Henry, interdição da difusão radiofônica 'Para acabar com o julgamento de deus,' publicado na Combat em 1948.



Fonte: (ARTAUD, 2004, p. 1664).

A máquina da radiodifusão produz uma sonosfera de alcance planetário (poder fecal eletrônico), transcendendo o espaço local. Deleuze e Guattari (1996) elaboram o conceito de máquina de rostidade para analisar os processos de produção da subjetividade e da facialidade. Esse conceito pode ser relacionado, neste trabalho, à disseminação da radiodifusão, na medida em que Artaud, enquanto artista multimidiático, cria máscaras eletrônicas fecais destinadas a denunciar os efeitos dos dispositivos técnicos associados às formas de dominação oriundas do nazi-fascismo. No momento em que o corpo se separa da cabeça, estabelece-se uma conexão com as formas de rostidade. Essa configuração difere da cultura xamânica, na qual não havia dissociação entre cabeça e corpo, pois a experiência da existência se organizava em torno dos devires animais, em que as vozes do corpo se entrelaçavam com os espíritos, a vegetação, os animais, os rios, os mares, o céu e as almas amigas. Nessa perspectiva, não existia a ideia de rosto como uma máscara separada do corpo. A separação entre cabeça e corpo ocorre no processo de descodificação da tradição cultural, produzindo um

duplo rosto submetido, por exemplo, ao buraco negro computacional, que, por meio do aparato tecnológico, opera como um centro de captura organizado por dualidades, tais como pai e filho ou x e y. Essa captura dá origem a um sistema despótico de controle e obediência, no qual o chamado “indígena”, o negro, o árabe, o estrangeiro, o judeu, os animais não racializados, o corpo trans e o louco são excluídos pelos mecanismos de padronização e pelos processos de racialização produzidos em nome da racionalidade tecnológica. A linguagem como lei gramatical obedece ao programa de extermínio problematizado por Heidegger: “A libertação da linguagem dos grilhões da Gramática e a abertura de um espaço essencial mais originário está reservado como tarefa para o pensar e poetizar” (1973, p. 149). Sendo assim, o filósofo procura estabelecer, como atividade crítica, um trabalho de pensamento voltado para a libertação das cadeias ditatoriais da língua oficial, gramatical, tal como fez Artaud ao declarar que o espírito de Deus-pátria constituía uma disseminação de micróbios. Para Deleuze e Guattari (1995), essa configuração pode ser relacionada à figura do Deus-lagosta, representada por sua dupla pinça, *double bind*. Na era da massificação do código digital capturado pelos algoritmos, os deuses e Deus da razão prática e teórica são transformados em lagostas populacionais da linguagem-prisão. O cérebro mesmo torna-se sintoma da crise populacional, ao expressar falsas potências e expressões simbólicas ilusionistas.

Perante tal ditadura proveniente da razão calculadora nazi-fascista, o pensador da complexidade Edgar Morin propõe edificar uma *Scienza nuova* que possa inovar os discursos e prática segundo a revisão do *ergo* extraído do *devoir*. Para ele: “‘A loucura está na origem’, escreveu Nietzsche. ‘Quase por toda parte é a loucura que abre caminho para o pensamento novo’. Platão já defendia, em *Fedro*, que foi pela loucura que os maiores bens aconteceram na Grécia” (MORIN, 2025, p. 363). Para derrubar o ideal de justiça assentado no direito do mais forte, Platão pensou na situação das alteridades daquelas manifestações culturais diferentes do modelo de cidade-Estado e tentou, por meio do diálogo com os tiranos de Siracusa, tecer uma diplomacia em favor de seu ideal de justiça, que não se enquadrava na destruição das culturas tradicionais gregas. Segundo Morin, o original perde-se diante desse movimento de exploração e dominação colonial, tornando-se necessário estabelecer diálogos políticos para constituir, no *Logos*, o ideal do bem como expressão de uma isonomia política

não sofisticada. Ou seja, uma pedagogia estética (MORIN, 2017) a ser desenvolvida entre o vazio, o nada, o erro, a crueldade de sangue e o vapor disseminado pela negra oficina outrora criticada por Nietzsche. É nesse sentido que a máquina computacional da indústria contemporânea é dissecada por esse novo paradigma. Nessa perspectiva, Esslin (1977), Harari (2024), Mbembe (2025) e Mendonça, Filgueiras e Almeida (2025), de maneira direta ou indireta, apontam para um mesmo paradigma: o da tragicomédia tecnológica como campo de extermínio do teatro contemporâneo. Todos os códigos teatrais provenientes do corpo da Terra, do corpo despótico e do corpo do capital são reconfigurados pela tela digital de comando e obediência, instaurando, nesse novo campo sócio-histórico, o espectro da guerra planetária. Temas como a mídia eletrônica de massa, o controle cinematográfico da máquina nazi-fascista atualizado, a ampliação desse regime em escala mundial sob a regência dramática dos impactos climáticos e a emergência de novos poderes políticos que insuflam o teatro das sociedades totalitárias (ESSLIN, 1977), bem como o desenvolvimento de uma polícia global agenciada por algoritmos matemáticos, configuram uma dupla situação entre civilização e barbárie. Para Harari (2024), nessa lógica, a inteligência artificial (IA) corrobora a constituição de um dispositivo topológico de poder, dialogando com a crítica da técnica formulada por Heidegger e com a análise das relações de poder desenvolvida por Foucault, agora reconfiguradas na era digital. Na perspectiva de Mbembe (2025), a palavra tende a encerrar seu ciclo em sua própria artificialidade simbólica, sob a vigilância de exércitos e forças policiais. Nessa perspectiva, Mendonça, Filgueira e Almeida (2025) apresentam o design da mudança institucional em termos históricos, evidenciando a transformação orgânica das instituições por meio de decisões técnicas fundamentadas na lógica do cálculo, e propõem outra ética. O tempo e o espaço são produzidos na Terra do neolitismo psíquico a partir de sucessivas crises que atravessam os ecossistemas globais, os quais passam a ser monitorados, mensurados e administrados por algoritmos digitais.

DISCUSSÃO

Os escritos das alteridades radicais explicitados neste estudo remetem ao paradigma da ciência menor em seu rasgo ontoepistemológico, ipfenomenológico, estético, antropológico e sociofilosófico, propondo pensar, agir e refletir, a partir de uma poíesis infamiliar, sobre o destino da Terra e o desvelamento de seu futuro. É nesse turbilhão de acontecimentos que se insere o debate analítico sobre a Geopoíesis da crueldade do pensamento grego entre a crueldade, o teatro e a democracia: Anaximandro, Heráclito e Ésquilo e os novos engramas da cultura na complexidade poética contemporânea, tendo em vista o que foi analisado acerca das manifestações do neolitismo psíquico como alicerce da territorialização algorítmica, compreendida como uma síntese metabólica entre natureza, arte, sociedade humana e não humana e tecnologia comunicacional, desenvolvida na trama teatral denominada Tragicomédia computacional. Outro olhar para a além do Ser não a compreende como petrificação da subjetividade aprisionada aos sistemas idealistas de comando, controle e obediência, mas como movimento nômade de fluidos corpóreos, criadores de diplomacias internacionais, nacionais e locais, voltadas aos apátridas do *devir* diaspórico, radicado em uma emergência antropolítica que faz delirar todo o campo simbólico do poder segundo uma justiça humana e não humana (revisitada), em confronto com a justiça do mais forte. O estudo desenvolvido neste capítulo poderá servir como um fármaco político para enfrentar, ainda que de forma paliativa, o estado cancerígeno da Terra. Ao pleitear uma emergência antropoética, o trabalho também formula um apelo à comunidade planetária. A trajetória de Prometeu, em suas diferentes fases — acorrentado, libertado e arrependido —, passa a ser considerada de suma importância para a compreensão do papel das culturas históricas estruturadas em sistemas de autoridade patriarcal e marcadas pela violência. Nesse contexto, o fogo desvelado revela uma trajetória de combustão, cuja potência simbólica atravessa a constituição dessas formações históricas. O mundo pós-humano encontra-se no ápice desse delírio, convertido em saber e em uma forma de vida degenerada. É com o fim do sistema metafísico ocidental, que reinou durante séculos, que a crítica radical à crueldade se torna palpável nos trabalhos daqueles patafísicos desviantes e transsubjetivos. Por meio desta arte-revolta de viver voltada ao tempo presente, pensada a partir

de uma tecnologia antropológica, que renascem, dos escombros crematórios, novas formas de justiça na Terra ($n-1$) entre combate com a maximização dos espaços estriados ($n+1$).

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **Oeuvres**. Paris: Gallimard, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 5**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 3**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ESSLIN, Martin. **An anatomy of drama**. Nova Iorque: Hill and Wang, 1977.

HARARI, Yuval Noah. **Nexus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Heráclito de Éfeso. In: SOUZA, José Cavalcante de (org., sup.). **Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, v. 1).

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

HEIDEGGER, Martin. Sobre o humanismo. In: _____. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, Martin. Heráclito de Éfeso. In: SOUZA, José Cavalcante de (org., sup.). **Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, v. 1).

MBEMBE, Achille. **A comunidade terrestre**. São Paulo: n-1 edições, 2025.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; FILGUEIRAS, Fernando; ALMEIDA, Virgílio. **Política dos algoritmos: instituições e as transformações da vida social**. São Paulo: Ubu, 2025.

MORIN, Edgar. **O método do método: o original perdido**. Porto Alegre: ediPUCRS; São Paulo: Educ; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2025.

MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Pro-Saber, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. Heráclito de Éfeso. In: SOUZA, José Cavalcante de (org., sup.). **Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, v. 1).

SLOTERDIJK, Peter. **O arrependimento de Prometeu: da dádiva do fogo à destruição mundial pelo fogo**. Lisboa: Relógio D'Água Editora, 2024.

SABERES E EXPERIÊNCIAS DA FORMAÇÃO EM LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO IMNFANTIL (LEEI) COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PARÁ

Maria Cristiane Lobo Pompeu

*Técnico de orientação pedagógica da Divisão de Educação Infantil. Secretaria Municipal de Educação
– SEMED/Cametá/Pará*

RESUMO

Neste artigo, abordam-se experiências trabalhadas nas formações de formadores na cidade de Belém/Pará e de cursistas no município de Cametá no nordeste paraense. Reflete-se sobre os desdobramentos a partir das aprendizagens de saberes trocados e discutidos nas propostas apresentadas pelas formações em Leitura e Escrita na Educação Infantil/LEEI abordando vivências significativas das práticas docentes a partir de suas trocas de experiências para o fazer pedagógico na sala de referência junto as crianças do ensino infantil como fonte de aprendizados em leitura e escrita tendo como foco principal a literatura e a mediação. Objetiva-se, portanto, socializar tais experiências concretas vivenciadas nas turmas de formação de formadores e cursistas do LEEI norte/Pará apresentando suas experiências em leitura e escrita na Educação Infantil nos municípios aqui mencionados. Por fim, a essência deste percurso formativo vem demonstrar o olhar sensível de formadores e cursistas atentos a todas as formas de manifestações das crianças e suas naturezas que nos trazem fontes inesgotáveis de saberes e aprendizados nos fazendo perceber aprendizagens através de suas inteirezas e ensinamentos.

Palavras-chave: criança; ressignificar; vivências e desdobramentos.

INTRODUÇÃO

A oportunidade de participar da Formação em Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI), por meio do Programa Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, nos possibilitou inúmeras reflexões e ressignificações de nossas ideias e práticas pedagógicas.

As formações estaduais no município de Belém trouxeram para nós, estudos e aprofundamentos que nos permitiram construir saberes e estratégias pedagógicas que vem ao encontro do que é próprio das crianças e que só é percebido por meio do olhar sensível e atento dos professores.

Dentre os conhecimentos construídos destaca-se a importância de valorizar os saberes das crianças, especialmente aqueles que são construídos no meio social onde vivem e trazem consigo para a instituição educativa, melhor dizendo, para a sala de referência (sala de aula). Ressalta-se também a particularidade com que elas participam das inúmeras experiências que são oportunizadas nas escolas de ensino infantil e fora delas, daí que:

“na Educação Infantil deve-se dar acesso as crianças, com experiências variadas de linguagens que fazem parte de suas culturas, sendo esta marcada por simbologias como: imagens, sons, falas e escritas e que tudo isso para ser colocado acessível a elas, precisa-se estar voltado de forma lúdica e prazerosa fazendo-se uso de brincadeiras e literaturas lhes proporcionando o mergulhar e fazer parte de um todo que precisa ser explorado e experienciado por meio da mediação de um adulto- o ser professor/a” (CNE/CEB n. 20/2009).

Com o objetivo de socializar os saberes construídos e compartilhados durante a formação estadual e municipal, bem como os desdobramentos destas no trabalho desenvolvido pelas cursistas com as crianças em suas salas de referências nas escolas de educação infantil, apresentamos neste texto um pouco do processo vivido em LEEI. Neste artigo mostramos as formações realizadas no município de Belém para os formadores municipais e as formações realizadas para as cursistas, professoras de educação infantil, no município de Cametá, bem como os desfechos do processo formativo na prática pedagógica das professoras cursistas. Por fim, nas considerações, registramos o desejo

de querer sempre mais para oferecermos a melhor educação para as crianças deste município, especialmente no que se refere à leitura e escrita.

Para abordar o processo vivido em LEEI organizamos o texto em quatro sessões. Na primeira, aborda-se: O percurso formativo das formadoras municipal em leitura: ideias e práticas anteriores à formação em Leitura e Escrita na Educação Infantil-LEEI. Na segunda: As experiências vivenciadas nas formações na turma de cursistas no município de Cametá-Pará. Nesta sessão apresentam-se relatos significativos relacionados à maneira como as cursistas aprenderam a ler e escrever quando crianças, trazendo para esta formação ideias que tinham desse aprendizado e agora, como fazem para ensinar essa habilidade para as crianças na instituição educativa. Já na terceira sessão fala-se das repercussões que a experiência formativa das cursistas trouxe para a construção e ressignificação do trabalho com leitura e escrita junto as crianças de 4 e 5 anos. Na quarta sessão tratamos sobre: O olhar de formadoras municipal a partir da formação em leitura e escrita na educação infantil – LEEI. Nessas sessões apontamos os efeitos que a formação trouxe a todos nós, formadores municipais e cursistas em nossas práticas pedagógicas a partir do estudar, de nos atualizarmos no debate sobre como a criança se apropria da leitura e da escrita. Nesse percurso fomos revendo nossas posturas, pois como afirmam Paschoal e Machado (2009, p. 90)

“É importante que, ao longo da carreira do magistério, o mesmo possa frequentar não só os cursos de atualização, grupos de estudos ligados ao fazer pedagógico na sala de aula, mas, sobretudo, estar atento às questões políticas, sociais e econômicas, acompanhando as transformações da sociedade como um todo.

Por fim, nas considerações finais registra-se o desejo em querer sempre mais para que possamos a cada dia qualificar nossas práticas na educação infantil, especialmente no que se refere ao direito da criança ter acesso a leitura e escrita, respeitando as especificidades do que é próprio do tempo da infância.

O PERCURSO FORMATIVO DAS FORMADORAS MUNICIPAL EM LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IDEIAS E PRÁTICAS ANTERIORES A FORMAÇÃO EM LEEI

Desde o primeiro encontro, quando discutimos concepções de criança, infância e processo de apropriação da cultura do escrito tivemos um choque de informações. A forma como estávamos desenvolvendo nosso trabalho com as crianças se apresentou como “a coisa mais descabida possível”. O sentimento de perplexidade tomou conta das nossas ideias, aquelas atividades que nós considerávamos “lindas”, todas formatadas e cheias de personagens dos desenhos animados e filmes infantis juntamente com as letrinhas e que nós julgávamos adequadas para as crianças, percebemos que não faziam o menor sentido. E assim, muitos foram os questionamentos que permeavam nossos pensamentos, por exemplo “como assim a escrita não é a linguagem mais importante na educação infantil? ”. A partir das reflexões que permeavam os debates durante os encontros formativos fomos refletindo que nossas crianças faziam uso de caderno com atividades mecânicas e sem significado para eles, usavam-se livros didáticos e atividades para escrita de letras (as cartilhas de vogais e alfabeto), palavras, frases com comandos definidos pela professora. Vimos então, que toda bagagem que carregávamos em relação ao como ensinar a criança precisava ser (res) significada, repensada.

Isso nos fez lembrar da autora Zilma Ramos de Oliveira (2020) em seu diálogo na obra: O trabalho do professor na educação infantil, onde nos levou a enxergar o que seria preciso fazer, e que decisões precisariam ser tomadas para que realmente o tempo e as oportunidades de convivência das crianças nas creches e escolas estivessem de acordo com uma concepção contemporânea de educação e garantisse o protagonismo das crianças e o que seria prioritário nesta primeira etapa da educação básica? Todos esses olhares nos ajudaram a fazer dos encontros formativos momentos de união entre formadores e cursistas para alcançarmos pensamentos e práticas pedagógicas através das atividades de oficinas que traduziram as manifestações de compreensões dessas reflexões sob personificação de materiais e instrumentos pedagógicos para trabalhar com a leitura e escrita das crianças.

A cada encontro formativo, íamos tendo que mergulhar e nos indagar sobre questões que pareciam tão comuns e corretas em nossas práticas cotidianas. Os pressupostos teóricos e as trocas de saberes entre colegas da formação e nossa professora formadora fizeram ganhar amplitude de olhares e compreensões acerca do como a criança aprende? A partir desse questionamento vimos que na realidade não se produz conhecimento fazendo-se uso de atividades mecânicas, xerocadas, cartilhas, e horário certo para cada rotina de forma cronometrada, estas atividades são adestramentos e não aprendizagens. Então nos recordamos dos estudos de (VIGOTSKY *apud* OLIVEIRA, 1977) em que coloca a aprendizagem das crianças por meio de interações com o ambiente, colegas e os professores.

O debate sobre currículo na educação infantil e suas interfaces com as linguagens infantis ampliou ainda mais nosso olhar para as nossas práticas. Na prática ensinávamos as crianças a ler e escrever por meio de tracejados de letras e números com a ilustração de desenhos das quantidades ou da letra inicial da imagem, e isso era muito comum e massificado em nosso cotidiano de sala de referência. Em nossas práticas, atividades da formação, fomos colocados para refletir que currículo tínhamos e qual gostaríamos de construir? Diante disso, já não tínhamos como continuar com as velhas práticas que deixavam de fazer sentido para nós, professores da educação infantil.

As reflexões nos permitiram reelaboramos ideias e conceitos sobre como a criança aprende a ler e escrever. Vimos que ao fazermos uso e tornar acessível obras literárias para as crianças, faz com que elas sentissem necessidade de ler e escreve e aí a aprendizagem passa a ser significativa e faz sentido para a criança que aprende. Nessa direção Vigotsky (1977) enfatiza que quando a criança convive com situações reais de leitura e escrita, na escola ou em casa, ela cria para si a necessidade da escrita. E quando no início do processo de aquisição da escrita está a necessidade da criança de escrever, a escrita fará sentido para ela porque não será imposta.

Aliado ao debate sobre currículo, discutimos a avaliação que também desmistificou muitas das nossas práticas. A oportunidade de refletirmos sobre como as crianças da educação infantil eram avaliadas e a finalidade dessa prática foram fundamentais para compreendermos que, a partir das vivências significativas que

as professoras realizam junto às crianças, é possível ter uma escuta atenta por meio das observações. Anterior a isso, a avaliação tinha por finalidade verificar o nível de aprendizagem das crianças a partir de conceitos definidos. A ideia que tínhamos era que esses conceitos nos davam a visão de quem estava, de fato, se desenvolvendo ou não. Quando se tratava de leitura e escrita, avaliava-se a criança sabia ler e escrever as letras, fazer traçados perfeitos e as linhas de desenhos bem feitos. Isso tudo em testes diagnósticos, como chamávamos. Tudo caiu por terra, pois com as interações de saberes desta formação, outra história está sendo contada, pois nosso olhar resinificou-se a partir do momento em que passávamos a avaliar nossas crianças através do observar, registrando toda sua desenvoltura na sala de referência perpassando pelas atividades e momentos recreativos acompanhando atentamente seus passos.

“Era uma vez uma professora que trabalhava com toda sua tarefa planejada antecipadamente, sem deixar esquecer um momento da rotina de aula que elaborava previamente. Certo dia ela participou de uma formação através do programa Criança Alfabetizada na Educação Infantil – o LEEL, e desde então nunca mais fez tudo como fazia antes. Seus planos de atividades passaram a dar espaço a reflexões no outro e com os outros, no caso as crianças, o que elas sabem? Como fazem? Como aprendemos com elas? Como nos ensinamos juntos? Todo esse movimento reflexivo os levou para outros mundos e ares. Agora, ela só pensa em observar mais, ouvir mais e se fazer presente na condução em comunhão com todos aqueles que ensinam e aprendem ao mesmo tempo na troca de saberes com as crianças da educação infantil. Essa sou eu, formadora municipal afetada pelas reflexões do fazer pedagógico como professora de educação infantil!” (Professora Maria Cristiane Lobo Pompeu, Formadora municipal/Cametá-Pará).

À medida que fomos avançando no processo formativo, o debate foi se consolidando e novas aprendizagens foram sendo tecidas. Nesse processo, percebemos o quanto o Documento Curricular do município de Cametá precisa ser revisto em sua estrutura organizacional e na prática pedagógica, com vistas à construção de cidadãos que protagonizem suas aprendizagens e não sejam apenas reprodutores de saberes que os adultos desejam, perpetuando o analfabetismo funcional.

As reflexões e debates que permearam o processo formativo nos possibilitam afirmar que nossas práticas nunca mais serão as mesmas. Entendemos que a criança tem direito de se expressar e protagonizar momentos ímpares que vivencia no cotidiano da instituição educativa. Quando a criança é estimulada e acompanhada pelo/a professor/a ela se desenvolve na sua totalidade como seres humanos e as aprendizagens que serão construídas irão acompanhá-las por toda vida.

Entender que a criança se desenvolve na sua totalidade é reconhecê-la como ser social e cultural em sua inteireza. Quando pensamos na criança que vive na Amazônia não podemos perder de vista que ela tem um jeito próprio de viver a sua infância e ela precisa ter lugar no espaço da instituição educativa, isto significa que precisamos nos questionar, quem são as crianças com quem lidamos na pré-escola? Como viviam e como faziam para chegar até a escola? Quais são seus saberes e experiências, etc. Reconhecer a inteireza das crianças amazônicas nos possibilitou compreender que não faz sentido levarmos tudo pronto para elas, pois estas atividades não dizem sobre o lugar em que elas vivem, das suas experiências e dos seus saberes que são tão singulares e que em conjunto com outros saberes se transformam em vivências plurais carregadas de sentido para as crianças e os professores.

Olhar para as crianças de nossa Amazônia em sua inteireza nos permitiu compreender que elas precisam ser vistas sem distinções de gênero ou etnias raciais, precisando ser reconhecidas como crianças, de fato, e tendo seus direitos garantidos por todos nós. Portanto, é necessário estarmos atentos às suas vivências trazidas em oralidades e passadas por seus ancestrais, fazendo com que tenhamos riquezas culturais presentes em uma mesma sala de referência.



Foto: Turma do Jardim I. Professora cursista Daíse Frcês, 03/12/24. (Arquivo pessoal da professora)

Diante dos caminhos percorridos nesta formação, surge a poesia para ilustrar o percurso vivido na interação, no enxergar e no trazer para nossa essência as aprendizagens, os sentimentos, a natureza e os seres.

TE TRAGO.
 TE TRAGO O CHEIRO DAS MARÉS,
 O CANTO DOS PÁSSAROS DO TOCANTINS.
 TE TRAGO AS PALMEIRAS DE BACABA E DO NOSSO AÇAÍ
 PARA BRINCAR DE GENTE GRANDE OU DE INFÂNCIAS FELIZES. TE TRAGO UM QUINTAL DE TERRAS FRIAS,
 ÁRVORES FRONDOSAS E SOMBRAS REFRESCANTES TODOS OS DIAS. ONDE MENINOS E MENINAS BRINCAM LIVRES POR IGUAL.
 TE TRAGO A PUREZA DA INFÂNCIA,
 SEM DOMINAÇÃO COM LIBERDADE NA EXPRESSÃO EM QUE O AMOR E O RESPEITO É PROCESSO NATURAL.
 TE TRAGO AS SEMNTES ENCANTADORAS POR SUAS FORMAS E CORES, POR SEUS CHEIROS E SABORES.
 TE TRAGO A BRINCADEIRA DE QUINTAL,
 A INTEIREZA DOS PEQUENOS E DOS SEUS ANCESTRAIS. TE TRAGO A MATÉRIA NATURAL QUE SE TRANSFORMA E SE RECRIA NA FANTASIA TRIUNFAL. TE TRAGO O SER PEQUENINO E INTENSO,
 CHEIO DE AVENTURAS E ENCANTOS DE ALGUÉM QUE DOMINA E SABE O QUE SE FAZ. TE TRAGO A NATUREZA E A PRODUÇÃO RECRIADA E TRANSFORMADA EM BRINQUEDOS E AÇÕES.
 TE TRAGO O QUE EXISTE DE MAIS IMPORTANTE, NOSSAS ESSÊNCIAS CABOCLAS E DE ENCANTOS PERMANENTES.
 TE TRAGO O FEITO SEM DESPERDIÇAR,
 RECRIADO E TRANSFORMADO EM AÇÕES NO MEU BRINCAR.

(Autora: Formadora Municipal/Cametá-Pará, Maria Cristiane Lobo Pompeu)

AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NAS FORMAÇÕES NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PARÁ E SUAS PRÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Nesta sessão trazemos relatos de algumas professoras cursistas a partir do que vivenciaram na formação em Leitura e escrita/LEEI em nosso município e sobre suas experiências em trabalhar atividades de ler e escrever nas salas de referências do jardim I e II da educação infantil, fazendo uso de obras literárias, bem como de produções criativas a partir de suas mediações junto as crianças nas escolas da rede pública de ensino, localizadas nas áreas ribeirinha e do campo.

Nos dizeres da professora cursista Maria Daise Martins Francês, ao recordar suas primeiras vivências na sala de referência, percebeu que muitas vezes subestimou o potencial das crianças de interagirem com o texto literário de forma autônoma e criativa. Durante o processo formativo compreendeu que a leitura e a escrita na educação infantil não se limitam a alfabetização formal, mas englobam práticas que desenvolvem a imaginação, a oralidade e a compreensão de mundo.

Segundo ela, durante os encontros formativos municipais foi possível compreender a importância de criar momentos significativos de leitura, nos quais as crianças possam se sentir envolvidas e parte da narrativa. Esse aprendizado me levou a reorganizar o cantinho do aconchego ou espaços de leitura na sala de referência.

“Durante a formação em LEEI, participei de uma atividade prática que tinha como objetivo explorar estratégias para estimular a leitura nas crianças. Esse momento foi marcante para mim porque desafiou minhas perspectivas sobre como apresentar histórias de maneira mais envolvente” (Professora Maria Daise Martins Francês, EMEIF Bom Jardim).

O contato com os autores que discutem o processo de apropriação da cultura do escrito pela criança trouxe importantes questionamentos e reflexões aos cursistas de Cametá que expressaram seus impactos em falas marcantes.

“Um dos aspectos que mais me impactou foi a ideia de que a leitura de imagens é uma forma legítima de leitura. Muitas vezes, nos encontros com os colegas, discutimos como as crianças criam suas próprias narrativas a partir de ilustrações. Em sala de aula,

notei como esse conceito faz sentido na prática. Um aluno, ao manusear um livro sem saber ler, conseguiu “recontar” a história apenas observando as imagens usando a sua imaginação. Esse fato reforçou a ideia de que a leitura está além da decodificação e que cabe a nós, educadores, valorizar essas iniciativas e incentivar os nossos pequenos a serem bons leitores e leitoras” (Professora Maria Daise Martins Francês, EMEIF Bom Jardim).

Ainda segundo esta cursista, discutir sobre as brincadeiras tradicionais foi de suma importância para compreender sobre o papel do brincar no desenvolvimento infantil, mas também lhe transportou para sua própria infância a partir do assistir o curta “Disque Quilombola”.

Esta foi uma oportunidade única de resgatar memórias e experiências afetivas que me constituíram como ser humano. Percebi como brincadeiras aparentemente simples, tem um poder transformador tanto para crianças quanto para adultos. Ao explorar brincadeiras como o telefone de lata e barbante¹, os tamancos de lata, a brincadeira do elástico, as bonecas feitas do cacho da bacabeira, carrinhos e outras atividades simples, pôde perceber o valor pedagógico e cultural dessas práticas, muitas vezes esquecidas na atualidade. (Professora Maria Daise Martins Francês, EMEIF Bom Jardim).

Em uma das formações no município de Cametá, através de atividade em grupos, as cursistas revisitaram suas memórias de infância e transportaram para o presente sob forma de práticas pedagógicas que oportunizassem vivências de uma infância de inteirezas e que ao mesmo tempo trouxesse esses prazeres do brincar para o ato de ler e escrever. A partir desse contexto, as cursistas levaram conhecimentos revisitados em suas memórias para suas crianças em sala de aula, experienciando propostas em leitura e escrita que o LEEI lhes possibilitou.



Foto: Formação Municipal em LEEI/Cametá – Pará. Outubro de 2024.

As discussões durante os encontros formativos foram fundamentais para a compreensão do lugar que o professor ocupa enquanto mediador do processo de apropriação da cultura do escrito pela criança. Inúmeras são as experiências que podem ser oportunizadas à criança que permite a compreensão da função social da escrita e cria nela o desejo de ler e escrever. A declaração da professora a seguir destaca essa experiência a partir da formação de que participou:

“Dentre essas experiências, destaco a chamadinha, a leitura e escrita dos nomes, os registros das observações diárias, entre outras “o uso dessas experiências na minha sala me mostrou como pequenas práticas no cotidiano podem ser transformadas em oportunidades de aprendizado da criança e nos permitem compreender o processo de desenvolvimento delas e assim planejar experiências voltadas às suas necessidades e interesses” (Professora Zelinda Martins de Sousa EMEIF. Anacleto Gonçalves Costa).

Na socialização das atividades, as cursistas apresentaram a proposta de trabalhar com a lista de compras. Assim, no momento de suas falas ficaram marcantes as compreensões como na fala abaixo:

“Estudar sobre os gêneros textuais ampliou o olhar para a importância destes no trabalho com a leitura e escrita com crianças. “Os gêneros textuais podem ser trabalhados de maneira prática de modo a envolver as crianças, a ideia de usar lista de compras com elementos visuais é genial porque aproxima as crianças da função social da escrita”. Quero utilizar essa estratégia para criar nas crianças a necessidade de ler e escrever” Professora Larisse Rodrigues Alho, EMEIF. Anacleto Gonçalves Costa).

A foto abaixo ilustra o momento da socialização do grupo.



Foto: Formação Municipal LEEI/Cametá – Pará (Atividade Lista de Compras – grupo 1) 24/10/24. Arquivo pessoal.

A riqueza de informações trazida por estes momentos foi traduzida em relatos de compreensões do compartilhar de nossas emoções, ao percebermos que, a cada formação, os cursistas nos traziam práticas preciosas e cheias de envolvimento na interação com as crianças, tornando a aprendizagem em leitura e escrita acessível a todas. Além disso, o destaque para os gêneros textuais cotidianos, como as listas — quer sejam de materiais ou de compras, ou o que a imaginação mandar —, é algo enriquecedor. Trabalhar com coisas tão próximas da realidade dos pequenos facilita o entendimento do que a escrita representa no mundo real. A análise de como usar imagens para complementar as palavras nos fez refletir sobre como podemos tornar o aprendizado mais acessível e significativo para as crianças. Explorar gêneros textuais por meio do cotidiano, como receitas, bilhetes e listas, ajuda a ampliar o repertório de conhecimentos das crianças.

REPERCUSSÕES DA FORMAÇÃO EM LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - LEEI NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS CURSISTAS

Ao finalizar este percurso formativo no contexto da Leitura e Escrita na Educação Infantil, é impossível não reconhecer a importância de uma formação continuada que aliada a teoria e prática promovesse reflexões profundas sobre o papel dos professores nesta etapa de ensino. As vivências compartilhadas nos encontros e as leituras realizadas ampliaram a compreensão de que a leitura e a escrita na educação infantil devem ser trabalhadas de forma significativa

para o sujeito que aprende, respeitando os tempos e interesses das crianças, enquanto se constrói um ambiente rico e estimulante.

As discussões reforçaram o compromisso com a criação de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, a oralidade, a ludicidade e a participação da família, além de destacarem o papel essencial do professor como mediador do aprendizado. É o que se evidencia nas falas da professora cursista: “Ao me deparar com as novidades do LEEI aqui nas formações de Cametá, percebi o quanto eu precisava (re)significar minhas práticas. Vi que quando incorporamos literaturas, buscamos o brincar dos tempos de outrora e que nossas crianças não conhecem nessa atualidade em que vivemos, pude me perceber como sujeita que precisava reaprender a olhar, a observar minhas crianças e através deste exercício, registrei e passei a ler e olhar meu próprio escrito para perceber onde eu precisava intervir com cuidado, pensando o quê e como fazer aquela aula daquele tema, e assim trabalhar nelas o encanto pelas leituras literárias e, juntos eu e elas, poderemos construir a aprendizagem participativa. Eu vi com essa minha mudança, a partir das práticas nas formações em LEEI, aqui de Cametá, que minhas crianças aprenderam a ler no jardim I, é claro que não foi a turma toda, mas a metade evoluiu muito. Eu estou maravilhada e nunca mais voltarei a praticar técnicas que só ensinavam rotina programada em horários e atividades todas prontas para que as crianças só preenchessem seus tempos” (Professora Francielma de Souza Costa, EMEIF. Maria Joana dos Santos).

Percebemos através de cada relato oral, de cada atividade de acompanhamento e percurso das professoras cursistas entregues a nós formadores, que as mudanças no fazer cotidiano das professoras em suas salas de referências do jardim I e II da educação infantil começaram a acontecer a partir do momento em que elas interagiam com suas crianças levando experiências adquiridas nas formações. Em seus relatos destacavam o quanto que ao trabalharem com livros de literaturas infantis e histórias orais estimularam crianças a aprender a ler e escrever. Víamos nos professores e professoras a emoção ao contar esses avanços e a se sentirem motivados a sempre buscar formas atrativas e criativas para estimular o gosto das crianças em ler e escrever. A cada compartilhamento de resultados, comemorávamos e as lágrimas faziam parte deste contexto.

Ao trabalharmos com a tertúlia trouxemos para nossos cursistas o compartilhar de trocas de experiências em momentos diferentes no espaço e tempo tornando prazeroso o diálogo entre colegas de profissão. Eles e elas viram que para se tratar de temas fundamentais para a aprendizagem das crianças na educação infantil, como o ato de ensinar através de práticas de oralidades fazendo uso de obras literárias e que fazem parte de nosso contexto regional e cultural, podem e devem ser tratados em um cenário natural e de convivências humanas e cotidianas, com certo requinte da simplicidade de vida, natureza e ambiente em um cenário de leveza e aconchego.



Foto: Tertúlia das professoras cursistas da Turma de LEEI/ Cametá-Pará.

Aprendemos como formadores e cursistas que precisamos estar atentos às nossas crianças da educação infantil. Que as práticas pedagógicas não são elementos de adestramentos ou de treinamentos para se mecanizarem reproduções de escritos e deixar que isso se traduza em aprendizagem das crianças, mas construir com elas o percurso da aprendizagem que respeita suas idades, ideias e saberes possíveis de serem mediados e acompanhados na produção de matéria da ação humana através de um ser adulto, o ser professor.

O OLHAR DE FORMADORES MUNICIPAL A PARTIR DA FORMAÇÃO EM LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - LEEI

Sabermos que os encontros formativos oportunizaram aos cursistas perceberem como o processo de alfabetização está profundamente ligado às

emoções e às memórias da infância. Revisitar as infâncias vividas pelas cursistas e registrá-las por meio de desenhos permitiu reflexões sobre o impacto que o tempo da infância teve na vida de cada cursista. Evidenciou, também, a relação entre fala, escrita e leitura. A experiência vivida pelas cursistas durante as formações despertou nelas o desejo de permitir às crianças expressarem através da oralidade e por meio do desenho a infância que elas vivem e construir um vínculo emocional com a leitura. Essas abordagens tornam o aprendizado mais prazeroso e inesquecível para crianças e professores.

Oportunizar as participações das crianças na contação de histórias foi, sem dúvida, uma revolução no trabalhar com as infâncias nas salas de referências a partir do que nos traziam as cursistas participantes desta formação e professoras das escolas de nosso município. É uma prática, que segundo elas, nunca mais poderá ser esquecida.



Foto: Momento de contação de história com participação das crianças. Professora Izanildes Gaia, Turma Jardim II da EMEF. De Ajaraí.

As histórias de nossos cursistas cametaenses nos permitiram um sentimento de pertencimento em suas vidas. A cada história contada pelos cursistas, a emoção fazia parte do contexto da formação, por exemplo, a história de vida deste cursista:

“Tinha muita vontade de aprender a ler e escrever. Irmão de uma família de oito filhos, meu pai priorizou o ir para a escola, dois irmãos mais velhos, eu era do meio e chorava pra querer ir à escola. Papai não tinha condições de manter todos nós na escola. Eu fui observando e acompanhando meu pai ler a bíblia

das crianças lançada nos anos 80 pela igreja católica e isso me estimulou a descobrir o som daquelas letras. O tempo passou e eu me vi lendo algumas letras e palavras foi aí que meu pai reparou em mim e me levou pra escola. Foi o dia mais feliz da minha vida e assim me tornei professor” (Professor Amilton Silva de Souza, EMEIF de Livramento).

Como formadora nesta primeira edição em LEEI no Pará, sinto-me honrada em ter feito parte desse momento histórico da educação infantil em nosso município de Cametá. São registros de práticas pedagógicas ressignificadas que revelam a compreensão das professoras de que escrever é uma forma de expressão, mas não a única e nem a mais importante nas escolas de educação infantil. O trabalho com leitura e escrita está intimamente articulado com outras formas de expressão que são próprias da criança.



Foto: Turma do Jardim I da EMEIF. De Bom Jardim da professora Maria Daise Francês.

Por meio dos debates nos encontros formativos e nas relações estabelecidas com as crianças os cursistas compreenderam que a prática docente na educação infantil vai muito além de aplicar recursos e técnicas, ao contrário, são responsáveis por oportunizar a aprendizagem e desenvolvimento das crianças, motivando-as a fazer uso de objetos e materiais que ampliam seus conhecimentos.

No percurso formativo vivido no município de Cametá as trocas de saberes, marcadas por reflexões sobre a diversidade cultural de nossos povos, o respeito ao ritmo de cada criança em sua inteireza e a importância de envolver todas as pessoas que fazem parte da vivência das crianças como as famílias e a escola como um todo no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, permitiu a todos ampliar seus saberes sobre a docência na educação infantil,

particularmente quando se trata do trabalho pedagógico destinado ao ensino da leitura e escrita na educação infantil.

CONCLUSÃO

A alegria em ter sido parte nesta formação no município de Cametá foi extraordinária! Vivenciamos experiências inusitadas que vieram da interação de saberes dos professores e professoras da rede municipal de ensino.

Ter trazido a este público um formato que não está em cartilhas, em manuais metodológicos e nem em tabelas ou quadros de ações pedagógicas foi buscar junto aos professores de educação infantil, ações e produções criativas que causaram repercussões em suas e em nossas vidas, pois descobrimos juntos o quanto que podemos ressignificar o ensino de leitura e escrita na Educação Infantil sem precisarmos estar presos em listagem de conteúdos para as crianças, mas nos perceber como pessoas importantes que somos, no olhar, observar e registrar para a partir disso fazer valer a educação que vem sendo proporcionada para as crianças do município de Cametá. Educação essa que abre espaços para o protagonismo de professores e crianças no cotidiano da educação infantil.

As práticas pedagógicas nunca mais serão as mesmas depois de todas essas reflexões, pois isso nos remete a termos atitudes que proporcionem o direito de a criança expressar e vivenciar os momentos ímpares que apresentam em seus cotidianos, e que estimulados e acompanhados com pela professora nos trazem desenvolvimentos humanos que os acompanharão por toda vida colocando em ação o currículo voltado às transformações e ressignificações de ensino na premissa de pensar e construir juntos.

Por fim, a essência deste percurso formativo foi despertar em todos nós, formadores e cursistas, o olhar sensível e atento a todas as formas de manifestações das crianças em suas inteirezas, fontes inesgotáveis de saberes e aprendizados. Para nós adultos, fica a certeza de que não podemos pensar nas crianças apenas como meros aprendizes, mas como nossos pequenos grandes mestres.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ser docente na educação infantil: entre o ensinar e o aprender**. 1. ed. Brasília, DF: MEC/SEB, 2016. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, v. 2).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações**. 1. ed. Brasília, DF: MEC/SEB, 2016. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, v. 4).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Crianças como leitoras e autoras**. 1. ed. Brasília, DF: MEC/SEB, 2016. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, v. 6).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Currículo e linguagem na educação infantil**. 1. ed. Brasília, DF: MEC/SEB, 2016. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, v. 7).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Livros infantis: acervos, espaços e mediações**. 1. ed. Brasília, DF: MEC/SEB, 2016. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, v. 8).

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997. Acesso em: 15 dez. 2024.

OLIVEIRA, Zílma Ramos de. **O trabalho do professor na educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Biruta, 2020.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 33, p. 78-95, mar. 2009. ISSN 1676-2584.

PROJETO JOVEM PADAWAN: INTEGRANDO NOVOS ACADÊMICOS E FORTALECENDO A TUTORIA NO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL

Jhan Lucca Ferreira Martins

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Anna Marcelly Santos Cardoso

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Leonardo Ramos Rodrigues

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Layza Eduarda Cutrim Gois

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Marcela Gomes da Silva

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

RESUMO

O projeto “Jovem Padawan” surgiu especialmente durante a pandemia do COVID-19, período que causou um aumento da evasão universitária, buscando familiarizar os calouros com a vida acadêmica e o mercado de trabalho na Engenharia Florestal, na tentativa de reduzir a evasão e melhorar o desempenho acadêmico dos alunos. O projeto oferece minicursos, palestras e dinâmicas em grupo, tendo a sua divulgação por meio de mídias sociais. Desde 2020, já foram realizadas quatro edições, com a participação de mais de 150 alunos. Apesar dos desafios, contribuiu para a integração dos calouros e o fortalecimento da tutoria no curso, iniciativa que demonstra a importância de ações que promovam a permanência estudantil, especialmente em momentos de crise como a pandemia.

Palavras-chave: Pandemia; Evasão; Universidade.

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, houve a eclosão da Pandemia de Coronavírus (COVID-19), exigindo diversas mudanças no cotidiano da sociedade brasileira a partir de março, mês em que foi declarada a existência de transmissão comunitária do vírus pelo Ministério da Saúde. Logo, novas ações foram implementadas para promover o isolamento social, por meio de decretos Federais, Estaduais e Municipais, priorizando o fechamento de escolas e comércios (Aquino, 2020).

Nesse momento, muitas pessoas perderam seu emprego, empresas faliram e estudantes foram obrigados a continuar seus estudos de forma remota, incluindo atividades síncronas e assíncronas entre professores e alunos (Silva; Souza; Menezes, 2020). No entanto, novas limitações são observadas dentro do setor acadêmico, uma vez que o isolamento social é incômodo e exige paciência, sendo comum situações de ansiedade, estresse e angústia, fazendo com que as pessoas percam de vista seus focos, na incerteza de um futuro próximo (Bittencourt, 2020).

Durante a pandemia, o índice de evasão dentro das universidades aumentou e um grande fator contribuinte foi a mudança drástica do ensino presencial para o ensino remoto. Dessa forma, é fundamental que as Instituições de Ensino Superior estejam atentas a essas problemáticas, as quais favoreceram com que discentes jovens e adultos, de forma rápida e repentina, fossem distanciados da vida acadêmica, estando sujeitos ao risco de que a dura realidade econômica, sanitária e social prejudique o acesso e a continuidade da assiduidade no ensino superior (Silva, 2026), sendo necessário considerar essa possibilidade de forma prioritária e exigindo a formulação e execução de ações concretas (Raposo, 2022).

Neste sentido, foi elaborado e implementado ainda no mesmo ano de 2020, o projeto “Jovem Padawan”, dentro do grupo PET Florestal, para contribuir com a redução dos índices de evasão dos discentes, principalmente calouros, do curso de Engenharia Florestal, da Universidade Federal Rural da Amazônia, por meio de capacitações que insiram os discentes dentro das áreas do setor florestal e que possibilitem a familiarização dos calouros com as atribuições da vida universitária, permitindo, assim, uma percepção prévia do mercado de trabalho (Araujo, 2023).

MÉTODOS

As atividades do projeto podem ocorrer de forma híbrida, tanto remota quanto presencial, resumindo-se em minicursos, palestras e dinâmicas em grupo, totalmente gratuitos, vigentes em cada edição com período de 12 meses. Quando presencial, as programações são realizadas nas dependências da Universidade Federal da Amazônia, *campus* Belém, e quando remoto são realizadas via Google Meet.

O projeto inicia sua atuação na semana do calouro (Albanaes, 2014), a qual permite o planejamento de atividades presenciais com os ingressantes do curso de Engenharia Florestal, por meio do grupo PET Florestal, ocorrendo atividades de exposição de materiais relacionados a temas pertinentes às Ciências Agrárias nas trilhas da Universidade Federal Rural da Amazônia, posteriormente, um jogo de perguntas e respostas com adição de “torta na cara”.

No momento em que esses calouros já se encontram regularmente matriculados e a partir do início do semestre, é aberta uma nova edição do projeto, disponibilizando em média 30 vagas, a qual permite que calouros e veteranos se inscrevam para participar das atividades programadas pelo grupo, de forma totalmente gratuita e acessível a todos (Libâneo; Pulino, 2023).

Os cursos são escolhidos com base na disponibilidade de ministrantes e também visualizando preencher as lacunas que muitas vezes somente as experiências dentro das disciplinas de graduação não são suficientes (Xavier, 2022). Por isso, grande parte das capacitações envolve o aprimoramento de habilidades em softwares e ferramentas pertinentes à Engenharia Florestal e ao mercado de trabalho, como por exemplo: QGIS, AutoCad, Google Earth Engine, Excel, etc (Blanco; Portella; Sorrentino, 2020). As palestras são elaboradas também com base na disponibilidade de ministrantes e na seleção de temas pertinentes às Ciências Florestais.

Após a definição da programação, é elaborada uma mídia para ser postada em nossas redes sociais para movimentação dos participantes e divulgação do projeto e suas ações. (Santos, 2021).

Durante a realização, são repassadas frequências para monitorar a assiduidade dos participantes do projeto em cada atividade, contabilizando pontos

para que, ao final do programa, sejam somados, determinando o 1º lugar e o grupo PET Florestal premia, assim, o Padawan (calouro) e/ou Jedi (veterano) mais ativo nesse período de 12 meses.

RESULTADOS

Em Abril de 2020 foi aberto o primeiro Processo Seletivo para seleção de membros para compor o projeto, resultando em 58 inscrições de participantes, nas quais os veteranos são considerados “Jedi’s” e os calouros são considerados “Padawan’s”.

Durante esta edição, foram ofertados cursos e minicursos de Excel; Organografia (reconhecimento de plantas); Produção Científica; Paisagismo; Recuperação de Áreas Degradadas. Além disso, foram realizadas palestras sobre os desafios no exercício da Engenharia Florestal, com temas envolvendo Regularização Fundiária, Licenciamento Ambiental, Silvicultura de Florestas Nativas e Arborização Urbana. Por fim, também foi realizada uma Oficina de Produção de Exsicatas. Seguem abaixo figuras que exemplificam como foram divulgadas as programações:

Figura 1 - Minicurso de Excel.



Fonte: Autores (2024).

Figura 2 - Curso de Produção Científica.



Fonte: Autores (2024).

No ano de 2021, o grupo PET Florestal abriu outro Processo Seletivo contabilizando 52 participantes, sendo a 2ª edição do projeto. Neste ano, foram realizados ciclos de palestras sobre a trajetória da formação do Engenheiro Florestal, palestras sobre o Dia Nacional da Botânica e sobre o Dia do Meio Ambiente. Ademais, foram ofertados cursos de ArcGis Desktop, Licenciamento Ambiental, Ciências do Solo, Software R Studio.

Figura 3 - Curso de Software R Studio.



The poster features a blue wavy background on the left with a large white 'R' in a circle. The title 'INTRODUÇÃO AOS PRINCÍPIOS BÁSICOS DO SOFTWARE R STUDIO' is in blue. The instructor is Ivan de Sousa Pinheiro, a Master's student in Forestry at UDESC-CAV, shown in a circular photo. The course is 17h to 20h, on 12/07 to 16/07, for 20 CH. A QR code is at the bottom left. Logos for PET, Ufra, PROEN, PROEX, ICA, and 25 ANOS FLORESTAL are at the bottom.

R

INTRODUÇÃO AOS PRINCÍPIOS BÁSICOS DO SOFTWARE R STUDIO

Ministrante
Ivan de Sousa Pinheiro
Mestrando em Engenharia Florestal (UDESC-CAV)

17h às 20h

12/07 à 16/07

CH 20

PET Ufra PROEN PROEX ICA 25 ANOS FLORESTAL

Fonte: Autores (2024).

Figura 4 - Curso de Ciências do Solo.



The poster has a background image of hands holding soil. It features the '25 ANOS FLORESTAL' logo. The course title is 'CONHECENDO OS RECURSOS NATURAIS : SOLO'. Two instructors are listed: Renata Andrade (Agronomist from IFGoiano, Master's from UFLA) and Maila Adriely Silva (Agronomist, Master's in Soil Science from UFLA). The course is on 14 to 18/6, 17h to 20h, for 20 CH. A QR code is at the bottom left. Logos for PET, Ufra, PROEN, PROEX, ICA, and 25 ANOS FLORESTAL are at the bottom.

25 ANOS FLORESTAL

CURSO

CONHECENDO OS RECURSOS NATURAIS : SOLO

RENATA ANDRADE
Agrônoma pela IFGoiano Câmpus Rio Verde
Mestre em Ciência do Solo pela UFLA
Estudante de doutorado da Universidade Federal de Lavras - UFLA

MAILA ADRIELY SILVA
Engenheira agrônoma
Mestre em ciência do solo
Doutoranda em Ciências do Solo - UFLA

14 a 18/6

17h as 20h

CH 20h

#GeraçãoRestauração

PET Ufra PROEN PROEX ICA 25 ANOS FLORESTAL

Fonte: Autores (2024).

No ano de 2022, foi aberta a 3ª edição do projeto contando com 19 inscritos, na qual foi possível realizar cursos de ArcGis e de Excel.

Figura 5 - Curso de ArcGis.

CURSO DE ARQGIS

PALESTRANTE

João dos Santos
Geólogo em formação

21 até 25 de fev

14 - 18 h

C.H. 20 horas

PET **Ufra** **PROEN** **ICA** **PET FLORESTAL**

Fonte: Autores (2024).

Figura 6 - Curso de Excel.

CURSO DE INT. AOS CONCEITOS BÁSICOS DE EXCEL

PALESTRANTE

Gledson Castro
Engenheiro Agrônomo/Docente UFRA

 **17 até 19 de ago.**

 **14 - 18 h**

 **C.H 20 horas**



Fonte: Autores (2024).

Em 2023, foi aberto o Processo Seletivo para a 4ª edição do projeto, resultando em 30 inscritos, sendo a maior parte destes calouros. Durante essa edição foram realizados cursos de Google Earth Engine, de QGIS e duas palestras, uma delas sobre Arborização Urbana e a outra sobre Legislação Florestal.

Figura 7 - Curso de Google Earth Engine.



Fonte: Autores (2024).

Figura 8 - Palestra sobre Legislação.



Fonte: Autores (2024).

Desde o momento de sua criação em 2020 até 2023, o Jovem Padawan alcançou cerca de 159 discentes de forma direta em sua realização, dentro da Universidade Federal Rural da Amazônia, ofertando mais de 10 cursos de curta duração e cerca de 10 palestras de forma totalmente gratuita. Além das programações nas semanas do calouro que alcançam aproximadamente 50 pessoas a cada ano.

DISCUSSÃO

A partir de todas informações citadas, é possível compreender que o projeto vem cumprindo com seu objetivo, promovendo cursos e palestras com conteúdos inerentes ao cotidiano da Engenharia Florestal, possibilitando que os discentes compreendam todas as vertentes do curso e, como consequência, espera-se que com isso tenha reduzido as taxas de evasão durante a pandemia (Lima; Menezes, 2025).

No entanto, a falta de dados dos acompanhamentos dos participantes no período pandêmico limita a conclusão de que realmente o projeto tenha reduzido as taxas de evasão (Moreira; Silva, 2023). Provavelmente, devido à dispersão dos integrantes do grupo na época, não foi possível obter tais informações.

Foi observado também a falta de frequência nas atividades do projeto, no que tange à quantidade e qualidade das programações. Isso provavelmente ocorreu durante esses anos devido à troca de gestões dentro do grupo PET Florestal que influenciou negativamente na organização e produção do projeto (Cerquinho; Silva, 2020).

Ademais, é necessário levar em consideração também, que após o período pandêmico, com a volta das aulas presenciais, muitas pessoas podem ter perdido o interesse pelas atividades remotas, e, dessa forma, visualizando que a maioria das programações do projeto são realizadas nesta modalidade, explicaria a redução na quantidade de inscritos com o passar dos anos (Gusso, 2020).

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que o projeto Jovem Padawan desempenhou um papel crucial no suporte aos novos estudantes do curso de Engenharia Florestal da

Universidade Federal Rural da Amazônia, especialmente durante o complicado período da pandemia de COVID-19. Por meio de suas diversas edições, o projeto ofereceu uma gama de cursos e palestras com conteúdos diretamente relacionados à formação acadêmica e profissional dos alunos, facilitando uma melhor compreensão das várias áreas da Engenharia Florestal e aproximando os estudantes do mercado de trabalho.

Embora o projeto tenha alcançado um número considerável de discentes e contribuído para o desenvolvimento acadêmico de muitos, a falta de dados precisos sobre a evasão durante a pandemia limita a avaliação direta de seu impacto nas taxas de abandono da graduação. Outro fator a ser considerado é a variação na adesão ao projeto ao longo dos anos, possivelmente influenciada pela transição para as atividades presenciais após o período pandêmico, que pode ter gerado uma diminuição no interesse por atividades remotas. Com isso, o projeto conseguiu mitigar alguns dos impactos negativos da pandemia nos calouros ao fornecer um ambiente de aprendizagem e apoio.

REFERÊNCIAS

- ALBANAES, Patrícia *et al.* Do trote à mentoria: levantamento das possibilidades de acolhimento ao estudante universitário. **Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 143-152, dez. 2014.
- AQUINO, E. M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 6, p. 2423-2446, 2020.
- ARAÚJO, Ana Carolina da Costa *et al.* Motivos da evasão universitária e serviços de apoio ao estudante. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 24, n. 1, p. 3-16, 2023.
- BITTENCOURT, R. N. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 19, n.221, p. 168-178, 2020.
- BLANCO, Letícia de Souza; PORTELLA, Diego Augusto Pereira da Costa; SORRENTINO, Lucas Mendes Matias. As geotecnologias no ensino de geociências: análises e desafios. **Revista de Geociências**, v. 1, p. 1-15, 2020.
- CERQUINHO, Ana Carolina; SILVA, Fabiula Meneguete Vides da. Influências do Programa de Educação Tutorial (PET) sobre a vida profissional: um estudo de caso do PET Administração da UFAM. **Revista Gestão Universitária na América Latina (GUAL)**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 119-140, set./dez. 2020
- GUSSO, Hélder Lima *et al.* Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação & Sociedade**, v. 41, e238957, p. 1-27, 2020.

LIBANEO, Lígia Carvalho; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. O que os/as Calouros/as Ensinam para a Universidade? Uma Reflexão. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 189-205, 2023.

LIMA, Lucas Alves de Oliveira; MENEZES, Sady Júnior Martins da Costa de. Programa de Educação Tutorial (PET): perspectivas históricas, fundamentos e as contribuições para a minimização da evasão estudantil no nível superior. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e1088, 2025.

MOREIRA, Daiany Alves Araújo; SILVA, Mônica Aparecida da Rocha. O ensino remoto emergencial nas instituições de educação superior durante a pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática da literatura. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, v. 10, p. 1-22, 2023.

RAPOSO, Letícia Martins *et al.* Uma metodologia para constituir redes de apoio aos universitários em risco de evasão durante a pandemia da Covid-19. **Rio de Janeiro: Research, Society and Development**, 2022.

SANTOS, A. J. R. W. A. DOS; SOUZA, E. V. DE; MOREIRA, L. L.; MOTA, J. V. M. As redes sociais aliadas à extensão universitária e sua contribuição na qualificação educacional. **Expressa Extensão**, v. 27, n. 1, p. 47-62, 29 dez. 2021.

SILVA, Ana Carolina Oliveira; SOUSA, Shirliane de Araújo; MENEZES, Jones Baroni Ferreira de. O ensino remoto na percepção discente: desafios e benefícios. **Dialogia**, [S. l.], n. 36, p. 298-315, 2020.

SILVA, Thuany Luna da *et al.* Avaliação, evasão e desigualdades no ensino superior brasileiro: o Enade sob o impacto da pandemia de COVID 19 (2014-2023). **Revista DCS**, [S. l.], v. 23, n. 90, p. e5438, 2026.

XAVIER, Tandara Ketlyn Degobi; FERNANDES JUNIOR, Jefferson; SILVA, Anderson Antônio; TAVARES, Mara Garcia. Educação Tutorial no contexto da formação acadêmica: uma análise qualitativa sobre as experiências do Grupo PET/Biologia da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. **Revista PET Brasil**, Uberaba, v. 1, n. 01, p. 15-26, 2022.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Walmir Fernandes Pereira

Doutor em Ciências da Educação pela Faculté Libre des Sciences de L'Homme et de L'Environnement de Paris, França (2024). Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação pela Miami University of Science and Technology (MUST UNIVERSITY - Estados Unidos), com título reconhecido no Brasil. Professor universitário (Graduação e Pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu) e da educação básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio). Gestor Escolar na rede pública Estadual do Rio de Janeiro. Tem formação como: Pedagogo, Psicopedagogo, Neuropsicopedagogo e Musicoterapeuta. Especializações (Lato Sensu) nas áreas da Educação, Línguas Estrangeiras Modernas e Tradução, Saúde e Gestão. Possui graduação em Letras, em Pedagogia, em Artes Visuais, em Educação Especial, em História e também em Filosofia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8916022554187684>

Harleson Sidney Almeida Monteiro

Engenheiro Agrônomo (UFRA). Doutorando e Mestre em Agronomia (Horticultura) (UNESP). Possui formação em Gestão de Processos Gerenciais (UNIP), Técnico em Segurança do Trabalho (IFPA), e Técnico Florestal pela Escola Agroindustrial Juscelino Kubitschek de Oliveira. Atuei como monitor bolsista das disciplinas de Genética, Fruticultura, Olericultura e Fruticultura Tropical. É membro do Grupo de Pesquisa Sistemas de Produção de Frutíferas na Amazônia - FRUTAM, com foco no manejo e melhoramento de frutíferas nativas da região. Aluno do Programa Nacional de Mobilidade Virtual Promover ANDIFES. Colaborador da Residência Agrícola do MAPA/UFRA, Possui experiência em extensão rural, agricultura familiar e produção de frutos orgânicos, horticultura e manejo, tratamentos culturais e produção em frutíferas nativas da Amazônia (como açaí, bacabi, bacuri, cupuaçu, pupunha), de clima tropical e subtropical (videria, caqui) com foco em poda, porta-enxertos, sistemas de condução e reguladores vegetais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2967586299102545>

Ronison Oliveira da Silva

Administrador. MBA em Gerenciamento de Projetos. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica. Produz textos voltados para as áreas de Gestão

Educacional, Avaliação Educacional e Educação, tendo mais de 00 artigos publicados e com premiações em nível nacional.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6858413180399948>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artaud: 44, 46, 47, 48, 51, 52, 54, 56, 58, 60, 61, 62, 65

Avaliação Diagnóstica: 8, 9, 10, 11, 16, 17, 18

C

Comportamento: 37, 38

Consumo: 37, 38, 39, 40, 41

Covid 19: 97

Criança: 9, 10, 12, 14, 18, 26, 32, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 82, 83

Cultura: 20, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 46, 48, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 70, 75, 77

D

Dança do Siriri: 20, 21, 22, 25, 26, 31, 32, 33, 35

E

Educação: 9, 10, 12, 16, 18, 20, 33, 37, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 96, 97

Evasão: 86, 87, 95, 96, 97

I

Identidade: 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 30, 31, 32, 35, 59

M

Marketing de Moda: 39

P

Pandemia: 11, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 86, 87, 95, 96, 97

Pertencimento: 20, 27, 31, 32, 81

Políticas Públicas Educacionais: 9, 11, 17

R

Recomposição da Aprendizagem: 8, 9, 10, 11, 14, 16, 17

Ressignificar: 67, 83

T

Terra: 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 60, 63, 64, 65, 72

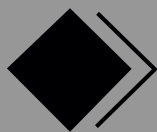
Tragicomédia: 44, 48, 59, 60, 63, 64

U

Universidade: 12, 18, 19, 43, 85, 86, 87, 88, 95, 96, 97

V

Vivências e Desdobramentos: 67



científica digital



VENDA PROIBIDA - ACESSO LIVRE - OPEN ACCESS

